

CONCETTA LA MAZZA

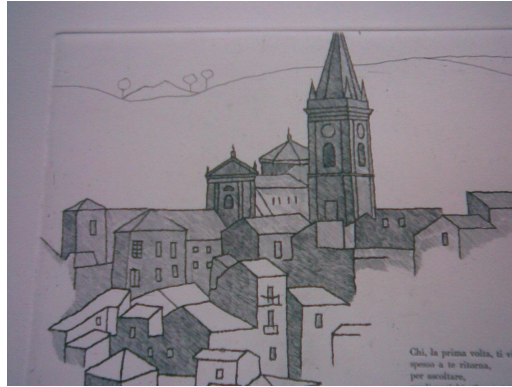
Além do céu azul



Biografia

Concetta La Mazza nasceu em Novara di Sicilia em 1936, a filha mais velha de Domenico La Mazza e Teresa Correnti. Em 1950, após um doloroso período de "entrega" à tia materna, juntou-se aos pais em Domodossola, onde ainda reside com o marido Giuseppe. Tem três filhos: Armando, Luciano e Daniela. Recentemente o desejo avassalador de recordar a sua infância em Novara invadiu-lhe a mente e aqui nasce este diário íntimo, pessoal, mas cheio de anedotas e referências ao ambiente daquela época: a cidade, o campo, as gentes, os hábitos, tradições daquele território nos anos sombrios da Segunda Guerra Mundial.

A energia primordial da escrita



A pequena Concetta é confiada a seus tios e forçada a contragosto a viver em Castrangia em um casebre longe da cidade e de seus companheiros. Assim, ele percorre sua Via Sacra pessoal em solidão durante os duros anos de guerra entre a fome, a ignorância do tempo, as superstições e os maus tratos. Depois da guerra, a inevitável emigração e o naturalmente difícil início no norte.

Tudo isto é contado pelo olhar de uma menina que revisita na memória as fases do seu crescimento e que com surpreendente frescura e um subtil fio de ironia nos devolve o prazer de ler - finalmente - uma história emblemática da nossa comunidade familiar, capaz de nos comover profundamente e que pertence a cada um de nós.

Neste pequeno romance de Concetta La Mazza, a escrita subverte todas as regras e retorna às suas origens, livre de qualquer esquematismo formal, movida por uma misteriosa vitalidade interna, torna-se um rio caudaloso que tudo arrebatava, é a chuva torrencial da alma.

As figuras dos tios, Antonia e Michele, são memoráveis, assim como a imagem de Novara permanece tão generosa, envolvente e doce quanto áspera e dura.

Por fim, a difícil transição para a adolescência quando o irreparável acontece, mas a pequena Concetta não se rende ao trágico destino, graças à sua coragem e inabalável esperança no futuro, graças aos seus olhos que souberam olhar... além do céu azul!

NINO BELVEDERE



"A provação começou para mim. Provavelmente era um dia quente, o verão de 1938 estava começando, eu tinha dois anos e minha tia veio me buscar. Em uma sacola de pano ela colocou uma blusa e duas calcinhas, aí sem saber de tudo saí de casa. Eu era tão pequeno que não percebi que minha Via Crucis começaria naquele dia".

Além do céu azul

Capítulo um - A casa paterna



Agora é uma velha ruína desabitada, sufocada por teias de aranha e roída por traças, mas, há muito tempo, em Novara, uma cidade situada sob uma majestosa fortaleza nas montanhas de Messina, em um beco no distrito de Engia, havia uma casa perto a fonte. A porta de entrada dava para uma escada interna que dava para o primeiro andar onde havia um quartinho com tábua de madeira: era o quarto. Você subiu as escadas e lá estava a cozinha, se é que pode chamar assim. A um canto havia uma laje de pedra sobre a qual se acendia o fogo e um tripé de ferro que servia para apoiar a panela de macarrão. Em frente, pendurada na parede negra como breu, uma pá de

madeira, duas peneiras, uma pequena e outra grande, o forno para assar pão, ao lado um baú meio podre, uma mesa, dois "furrizzi" e uma cadeira bamba. Finalmente havia um quarto, com uma pequena varanda com vista para o beco, onde havia apenas uma cama de solteiro. Aquele buraco era o reino onde vivia seu avô, viúvo em 1934. Uma latrina de pedra com tampa de madeira havia sido criada embaixo da escada. Como não há esgotos, estes últimos devem ter servido para atenuar o mau cheiro que se exalava. Naturalmente, a casa carecia de água encanada e eletricidade, comodidades que nem mesmo os barões tinham naquela época. Ao lado havia um portão de madeira que dava para a viga onde as galinhas empoleiravam-se na madeira.

Nesse cantinho, fora desse mundo, minha mãe, que era costureira, morava junto com meu avô, dois irmãos e uma irmã, todos mais velhos que ela, eram casados e também moravam em Novara. Minha mãe era loura, magra, de compleição muito frágil, tinha traços muito delicados e o que mais se notava em seu rosto, branco como leite, eram dois grandes olhos azuis, quase sempre assustados e tristes. Talvez a morte repentina de sua mãe, quando ela tinha vinte e quatro anos, tenha sido a causa de sua fragilidade física e moral.

Alguns anos após a morte de minha avó, minha mãe, graças à intervenção de uma de suas madrinhas, conheceu seu príncipe encantado. Meu pai pertencia a uma família nobre de Badiavecchia, que tinha uma taberna com tabacaria e gêneros alimentícios. Era uma família de trabalhadores esforçados, e meu pai era um homem, segundo todos os relatos, muito bonito, alto, moreno, autoconfiante e empreendedor. Morava num povoado distante da cidade: a pé, em bom ritmo, chegava em meia hora. Seu pai transportava carvão. A mãe era uma mulher

dinâmica, pela manhã ia a Novara com a mula comprar os artigos que fornecia na loja: tabaco, sal e comestíveis. Ele sempre se vestia elegantemente com um grande xale preto no pescoço, também comprava o jornal para manter os clientes informados. Era a única loja do povoado e bem-estar naquela casa, embora houvesse oito bocas para alimentar, não faltava.

No final da noite, ele ajudava ostensivamente seus clientes agora embriagados - e sua carteira - diluindo o vinho com refrigerante colorido. Como os filhos nem sempre herdam o trabalho dos pais, meu pai havia aprendido o ofício de sapateiro. Depois de um noivado que durou alguns meses, o meu pai e a minha mãe, já casados, foram fazer o seu ninho de amor na casa junto à fonte do bairro da Engia. Exatamente nove meses depois cheguei a este mundo e, segundo um sagrado costume sulista, recebi o nome de minha avó paterna, Concetta. Apesar da minha tenra idade eu tinha pele escura e enrugada, estava sempre chorando. Vovô, como não tínhamos berço, era obrigado a me embalar o dia inteiro em seus braços, à noite eu dormia na cama grande com papai e mamãe. Ao que tudo indica, eu era muito feia e insuportável. Alguns meses depois, como o trabalho era escasso no país, meu pai decidiu ir trabalhar na Sardenha. Quando ele partiu para a outra ilha, deixou sua mãe com o bebê chorando e outra criatura chutando em seu ventre.

Quando eu tinha vinte meses, nasceu minha irmã Rosa. O nome era da avó materna. Ao contrário de Concetta, Rosa - ainda segundo minha mãe - era linda, de tez branca e rosada, cabelos castanhos que emolduravam um rosto harmonioso embelezado por dois belos olhos azuis: uma flor, como seu nome! Tanto que quando minha mãe foi buscar água na fonte com Rosa nos braços, as amigas lhe perguntaram como era possível dar à luz duas filhas completamente diferentes. - Chista

cà, Rusina, sì ch'ievi billicchia, ma l'otra... - Esta, Rosina, sim ela é linda, mas a outra... disseram os amigos com uma careta. Enquanto isso, nessa situação, continuei inquieto, como se pressentisse minha provação, que, graças a Deus, suportei, embora não com resignação.

Para contar o resto da história, primeiro tenho que apresentar a vocês minha tia Antônia, enfim, zì 'Ntuoia. Ela era a irmã mais velha de minha mãe, entre as duas havia dezessete anos de diferença. Ela era uma mulher baixa e gorducha, com cabelos sujos caindo sobre os olhos. Seu rosto negligenciado parecia mais velho do que realmente era, e havia muita humilhação em seu olhar vazio. Aos vinte anos, então em idade de casar, casou-se com um primo-irmão, recém-chegado do trabalho no túnel Sempione, viúvo e com um filho de três anos. Este homem, meu tio Michele, zì Micheri, era um homem baixo e parecia uma cópia plebeia do rei Vittorio Emanuele III, morava em uma casa que possuía em uma rua da cidade que era muito característica pelos degraus de quase dois metros de largura. Era uma bela casa. No rés-do-chão funcionava a carpintaria com um grande balcão central com torno, dois armários de parede onde guardava grosas, cinzéis, verruma, goivas e brocas, um torno para arredondar os pés das mesas que construía, um para afiar as plainas e lâminas, um fogão a lenha com uma panela para liquefazer a cola, tábuas empilhadas por toda parte, algumas serras presas à parede, alguns amuletos da sorte como ferraduras, chifres de cabra e peles de tartaruga, enfim, um daqueles lugares que por agora eles pertencem apenas ao mundo das memórias.

Uma escada de madeira conduzia ao primeiro andar, onde havia dois quartos espaçosos com azulejos de cerâmica, um luxo na época, um aparador feito pelo meu tio, um sofá, uma

mesa e algumas cadeiras tecidas com ráfia, uma espécie de corda vegetal. Da sacada que dava para a rua em meados de agosto, quando a procissão da Assunção subia em direção à Abadia, era possível tocar com a mão a cabeça coroada de Nossa Senhora. Por outro lado, do segundo andar avistava-se a Rocca Salvatesta e do lado oposto, por uma fresta entre as casas, admirava-se a esplêndida paisagem das montanhas que pouco a pouco se estendiam além, além do céu azul, até chegar ao mar onde, especialmente nos dias frescos de primavera, quando não havia neblina, você podia ver Vulcano no limite do horizonte e depois Lipari, Stromboli e todas as outras ilhas: um espetáculo natural, um brilhante cartão postal multicolorido.

Outra escada subia para o primeiro andar, onde ficavam a cozinha e o quarto, sendo o primeiro muito espaçoso e equipado com forno a lenha para pão e fogão a carvão em ferro fundido para cozinhar. Era sem dúvida uma bela casa, tirando o inconveniente da cozinha sem pia com ralo para fazer os afazeres domésticos mais essenciais. Naquela época, algumas conveniências ainda eram inconcebíveis. Na verdade, a água era retirada do chafariz público em um balde de zinco e depois levada para o segundo andar, onde era despejada em uma grande bacia de terracota para lavar a louça. Como não havia ralo na pia, a água da bacia era trazida de volta para o térreo e jogada no vaso sanitário. Para uma mulher, era um trabalho muito cansativo. A condição servil e humilhante, no limite de qualquer resistência humana, atingiu seu ápice na hora do jantar, quando tia Antônia, por respeito ao marido, teve que comer do mesmo prato em que ele havia comido antes, e talvez o afilhado tenha repetido o mesma coisa, mas não tenho uma certa memória disso.

Tio Michele era um homem taciturno e mal-humorado, tanto

trabalhador quanto tolo, em vez de coração tinha um martelo de arenito. Em seus olhos nunca vi um brilho de ternura ou compaixão para com os outros. Ela segregava a tia em casa para cuidar do filho, tinha que preparar comida, ser criada dele e dizer sempre sim, sim, sim. Ele não podia nem olhar para a varanda, caso contrário, haveria problemas, enquanto quase todas as noites depois do trabalho ele ia para a taverna com seus amigos para beber.

Ele voltava para casa cambaleando, encharcado de suor e com um bafo fedorento que era impossível estar por perto. Em vez disso, minha tia, perto da luz do óleo, esperou por ele até tarde da noite sem ao menos comer. Quando o reizinho voltava - muitas vezes nem tinha forças para subir as escadas - exausto, abandonava-se na bancada empoeirada e ali permanecia a noite toda para ficar sóbrio. Apesar de tudo, tia Antônia cobriu-o com um casaco e sentou-se carinhosamente ao seu lado para vigiá-lo até de manhã. Assim se passaram os anos e, em troca de tamanha devoção, ela não podia nem ir visitar os parentes para evitar cenas. Ele, ciumento, mesquinho e autoritário, foi comprar para ela fios de cerzir, pentes, presilhas e outras coisas, para impedi-la de sair de casa. Quando foram convidados para uma cerimônia de casamento, tio Michele não voltou para casa até o último momento e tia Antonia não pôde ir sozinha até que os parentes conseguissem rastrear seu marido. De vez em quando conseguiam convencê-lo, outras vezes ele chegava a tempo mas depois, no meio da festa, sumia e tia Antônia, decepcionada e contrariada, voltava para casa toda mogia mogia. Com o tempo foi acumulando amargura e tristeza, não podendo desabafar com ninguém por estar isolada, foi vítima de terríveis dores de cabeça e de dentes que a torturaram durante semanas inteiras.

Um dia um vizinho, tão bom e piedoso, ligou para zio Michele e

o repreendeu por todos os maus-tratos que fazia sua esposa sofrer: - Você deveria ter vergonha - ela gritou com ele - fazer uma mulher dessas sofrer... Antônia precisa tomar um ar, não tem que segregar ela em casa, ela deve sair, ir na missa, ir na casa dos parentes, como todo cristão faz. Acima de tudo ela precisa caminhar, só assim a dor de cabeça vai passar...- a vizinha parou um pouco, depois continuou dizendo: - daqui a menos de uma hora, andando por uma trilha de mulas, temos um terreno e uma pequena casa muito modesta com uma cozinha sob o telhado e outra divisão ligeiramente húmida que pode ser usada como quarto no verão. Nesta terra há plantas de avelãs, figos, tangerinas, nêspersas, uvas, zizzole, maçãs, peras, azeitonas, enfim, tudo de bom.

Como você sabe, depois da morte do meu irmão, tenho que cuidar da minha tia e não posso mais cuidar do campo, então pensei em vendê-lo. Por que você não compra? Para que sua esposa pudesse respirar ar fresco... Tio Michele inicialmente hesitou, mas depois foi visitá-la e até se convenceu a comprá-lo. Em pouco tempo o contrato foi estipulado e o imóvel passou a ser dele. Assim, o imitador de Vittorio Emanuele III, cada vez mais astuto e traiçoeiro, propôs a tia Antônia: - você aprenderá a colher figos e secá-los. Quando tiver que lavar a roupa, você vai descer até o rio e pegar a água que precisa para beber e cozinhar cavando um buraco na areia para purificá-la. Poderíamos nos aposentar para morar no campo: carpinteiro para as famílias que vivem nas aldeias vizinhas de San Basilio, Vallancazza, Badiavecchia e Piano Vigna. Vai ser desconfortável no inverno, quando o rio enche de água, mas vou superar esse obstáculo. Você, por outro lado, poderá desfrutar do campo. Com o olhar baixo, mais uma vez tia Antônia fez o que lhe foi ordenado: - Cuomu tu voi, eu fazzu.- Como quiseres, eu farei,

respondeu a pobrezinha obediente.

Capítulo Dois - Fora deste mundo



No início da primavera de 1936, a pobre mulher e tio Micheri mudou-se para Castrangia, no campo, perto do leito do riacho. Nas várias aldeias de Badiavecchia, San Basilio e Vallancazza, espalhou-se a notícia de que ele estava disponível e as pessoas o chamavam para o trabalho. Naquela época era costume, embora hoje possa parecer estranho, que quando precisavam de uma mesa, uma janela, uma porta ou um guarda-roupa, chamavam o carpinteiro e o hospedavam em sua casa: improvisavam uma bancada e providenciavam o madeira necessária. Tio Michele trouxe as ferramentas e ficou no local até a conclusão da obra.

Eles o chamaram para cortar uma árvore e a deixaram secar por alguns anos. O tronco da árvore foi então montado em uma parede. O carpinteiro segurava a serra de cima e um ajudante de baixo: "Serra serra mastro dascio che dumè fagimmo a cascia" (Saw viu o grande mestre que amanhã faremos o baú).

O tronco da árvore foi montado em uma parede. Com uma enorme serra conseguiram as mesas e com elas construíram janelas, camas, guarda-roupas. Para fazer isso, ele se levantou às 4 e partiu com sua mochila e ferros. Quando chegava em

casa, os fregueses lhe ofereciam leite fresco com cebola e um pão de forma. Ao meio-dia, um prato de macarrão e um pedaço de queijo. Ao entardecer parou de trabalhar e deram-lhe pão caseiro como primeira entrada antes de pagar a conta no domingo em Novara.

Alguns anos se passaram e seu filho, Turillu, cresceu e percebeu de primeira mão que não pretendia, por nada no mundo, passar o resto da vida isolado no campo. Ele havia aprendido o ofício com o pai, mas queria se especializar e se tornar marceneiro. Conseguiu convencer o pai a mandá-lo para uma cidade onde houvesse a possibilidade de aprender aquela arte. Mudou-se para Catânia e depois de dois anos de aprendizagem tornou-se muito bom, sentiu-se pronto para fazer aquele trabalho e, com dezenove anos, pensou que havia chegado a hora de constituir sua própria família. Ele conhecia a filha de um pastor há anos e decidiu se casar, mas foi contra a vontade de Zi Micheri, que gostaria que seu filho se casasse com uma mulher de sua casta. Naquele tempo, incrível, mas era assim: um artesão casar com a filha de um pastor era uma grande causa de desonra. Surgiu subitamente um grande conflito entre pai e filho que levou Turillu a separar-se definitivamente do pai e da madrasta. Com a sua nova família deixou o país e mudou-se para Como onde fez fortuna com o seu trabalho.

Os tios não tiveram filhos, então, com a partida de Turillu, eles ficaram sozinhos para sempre. Quem mais sofria com esse isolamento era tia Antônia que passava o dia inteiro conversando com os passarinhos, as moscas e os mosquitos que zumbiam ao seu redor. Naquela caverna no campo, ele não teve oportunidade de conversar com ninguém. Só por ocasião de feriados importantes como o Natal, a Páscoa ou a festa de Nossa Senhora da Assunta, em meados de agosto, ele tinha a

oportunidade de ir à aldeia visitar minha mãe. Numa dessas visitas, depois de muito tempo reclamando de seu estado, ela propôs à irmã: dedique-se ao pequeno. Vou levá-la para o campo, onde o ar é mais agradável e lhe fará bem - Minha mãe inicialmente estava insegura, mas depois, como sempre, devido à sua natureza facilmente condicionada, por trás da insistência insistente da irmã, ela concordou.

A provação começou para mim. Provavelmente era um dia quente, o verão de 1938 estava começando, eu tinha dois anos e minha tia veio me buscar. Em uma sacola de pano ela colocou uma blusa, duas calcinhas e sem saber de tudo saí de casa. Eu era tão pequeno que não percebi que minha Via Crucis começaria naquele dia. Caminhamos pela trilha das mulas até que depois de meia hora ou talvez mais chegamos a este lugar solitário com o nome nada tranquilizador de Castrangia (Cassandra!) se eu não pudesse perceber isso na hora. O marido inicialmente me acolheu, a tia ocasionalmente me comprava alguns doces para ganhar minha simpatia e quando ela me acompanhava a Novara para visitar minha mãe ela sempre insistia que eu não precisava ir para casa mas era melhor crescer com ela que estava sozinha e que ela seria minha mãe. Eu não podia fazer nada além de obedecer.

Enquanto isso, meu pai voltou da Sardenha, ficou apenas uma semana, o suficiente para engravidar minha mãe, e partiu novamente. Estávamos em 1939 e no ano seguinte nasceu Antonietta. Ainda me lembro vagamente que minha tia Antonia me levou a Novara para ver minha mãe e eu vi minha irmã pela primeira vez. Eu queria ficar em casa para abraçar a pequena Antonietta, mas minha tia, cada vez mais no controle da minha vida, rígida como um soldado, me disse: - Turnemmu a casa, ti fazzu eu 'na bella causitta - (Vamos para casa, Eu vou cuidar de

você uma linda boneca).

Quando chegamos ao casebre, ele colocou em meus braços um trapo "causitta" com olhos pintados de vermelho e assustadores. Eu fiquei assustado. Foi um período em que sempre chorei porque queria voltar para Novara para meu avô e minha mãe, mas não havia como convencer Zi Antonia: seu coração estava petrificado e surdo a todas as minhas queixas. Nos primeiros três anos passamos muito tempo na chácara de Castrangia, onde não havia vivalma, só raramente víamos veranistas nas casas espalhadas.

Aos domingos íamos à aldeia e eu ia visitar minha mãe, minhas irmãzinhas e meu avô materno. Vovô era um bom homem de bigode. Ele carregava uma caixa de rapé com ele que cheirava de vez em quando. No inverno, ele me levava para baixo de sua capa e me levava à praça para comprar alguns doces e provar o vinho na taberna "Sciancaditta" em cima do hospital. À noite, voltamos para Castrangia.

Algumas noites meu tio ia ensaiar com a banda, onde tocava trombone, depois parava para beber na estalagem e voltava alegre para o campo. A 500 metros de Castrangia começou a chamar "Concettina, 'ntoia...". Em casa, entretanto, a tia tinha preparado a panela de barro para aquecer a água no tripé. No meio do cozimento, ele derramou uma concha de água fervente, talvez para descartar o vinho. Numa panela de ferro, minha tia preparou a cebola com os tomates para temperar o macarrão. A cebola estava mal cozida e me fez vomitar. "Coma, senão eu pego o cinturão e te dou os corpos...".

Naquela época, uma mulher de origem veneziana era a parteira de San Basilio. Quando o rio estava cheio no inverno, tio Michele o carregava no ombro (uma ciancalea) para fazer compras na

farmácia de Novara. Ele parava em casa e dizia "Antonia, dá um xale pra ela que tá frio". Pobre tia, não sei se ela entendeu que era amante de Michele.

Eu já tinha cinco anos, isolado no campo, sem falar com ninguém. Tinha me tornado um animal selvagem. Eu tinha vergonha de todos. Quando fomos para Novara, eu me escondi porque tinha medo das pessoas. Os vizinhos perceberam essa transformação e então aconselharam meus tios a me mandarem para o jardim de infância. Felizmente os tios foram convencidos. Então, uma manhã, minha tia mandou meu tio Michele comprar um biscoito para mim e colocá-lo na cesta de palha branca que minha avó paterna havia me dado. Junto com o biscoito ele colocou um ovo fresco. Ele me acompanhou até o jardim de infância localizado perto da abadia da aldeia. Quando a freira abriu a porta para me receber, comecei a gritar. Tomado de medo, joguei a cesta no chão, o ovo quebrou e fui sujar o chão por toda parte. Minha tia me puniu com uma surra forte e me levou para casa. Então, meu primeiro dia no jardim de infância também se tornou o último.

Acontecia, desde que eu tinha quatro anos, que meu tio dizia: "Concettina, vá a Novara para me trazer alguns *carmieri* (sedativos) para minha dor de cabeça". Corri pela trilha de mulas como um furão, passei pelo bairro de Greco, às vezes parava na fonte para matar a sede e chegava à farmácia "du Surcittu". Ele, o farmacêutico, maravilhado, disse aos amigos que em pouco tempo eu ia e voltava de Novara como um raio. Aos cinco anos, eles me levaram para Barcelona para parentes distantes. Ali vi e ouvi pela primeira vez a minha surpresa... a rádio! Também fomos a uma loja para comprar um pedaço de pano cor de ervilha. O vendedor propôs: - Compre também o chapéu e o lenço branco -. No final, eles se convenceram e a vendedora nos

deu dois restos grátis de cetim azul brilhante e azul claro. No dia seguinte levamos os tecidos para minha mãe que fez as roupas em poucos dias. No domingo me senti como as filhas dos marqueses e barões de Novara.

No inverno de 1941, em plena guerra, o meu pai, tendo terminado o seu trabalho na Sardenha, decidiu com um amigo tentar a fortuna numa cidade do Norte e viver do seu antigo emprego de sapateiro. Havia no ar a sensação de que minha mãe queria se juntar a meu pai e isso me incomodava tanto que um dia deslizei para debaixo da cama dele, me despi e observei os dois grãos de arroz dos futuros mamilos com crostas porque minha tia nunca me lavou. Eu os tirei violentamente. Lembro que vi sangue porque havia me machucado. Vesti a camisa de lona que era necessária dia e noite, depois o vestido, e ninguém percebeu.

Antes de partir, a mãe tentou deixar a casa do avô em ordem, e o coitado ficou sozinho. Pensou em colocar luz elétrica, naquela época prerrogativa dos senhores. Anteriormente, "u lusu" era usado para petróleo. Tio Michele estava chateado: alguns dias depois ele chamou o eletricitista por sua vez e mandou que ele também instalasse a luz em sua casa, então quando eu fui para a aldeia, também aproveitei um pouco de luz na escada íngreme de madeira. Quando eu tinha que ir ao banheiro (a latrea), basicamente um simples buraco que ficava no térreo atrás do laboratório dele, sempre ficavam empilhados caixões ao lado, que meu tio construía para ficar pronto em caso de solicitação.

Na manhã de 1º de março de 1942, vestido de cetim azul com mangas azuis claras, junto com meu tio e meu avô Tore, acompanhei minha mãe e minhas irmãzinhas à Piazza di San Sebastiano pelo correio, ou seja, sim, de ônibus, que os levaria para a estação ferroviária de Vigliatore. Sua irmã Rosa, de 4

anos, não quis subir e para convencer o tio disse: - se você não subir, vai ficar ietto du pidti - (vou te dar dois peidos).

Eu, a mais velha, por influência da minha tia, não saí e fiquei em Novara. Eu não conseguia parar de chorar. Procurei conforto nos braços do meu avô. Ele também ficou sozinho e naquele dia fiquei com ele para lhe fazer companhia. Após cerca de vinte dias, chegou a primeira carta da mãe, contando o sucesso da viagem. O pai a havia deixado encontrar um apartamento aconchegante com água na casa e fogão a gás, uma novidade para ela. Continuando a história, no dia seguinte à sua chegada, ela chamou um cabeleireiro em casa para cortar o cabelo da moda. Na aldeia quase todas as mulheres usavam o cabelo comprido com tupe. Resumindo, minha mãe ficou feliz e satisfeita pela primeira vez na vida. No final da história, ele me recomendou à minha tia. Ele certamente não imaginou meu sofrimento em Castrangia.

No dia seguinte à nossa partida, tia Antônia me levou de volta ao campo e disse ao marido para me comprar o livro da primeira série para me ensinar a escrever e poder cursar a segunda série em vez da primeira em outubro. Pobre de mim: eu não podia mais jogar, mas tinha que gastar meu tempo escrevendo barras e números. De Castrangia, de vez em quando, a professora passava no caminho de volta de San Basilio, onde lecionava. Chamava-se Maria, era filha de um capitão que sua tia conhecia. Ofereceu-lhe um copo de água. Entretanto mostrei-lhe o caderno e ela fez-me uma carícia. Tirou um lápis vermelho da bolsa e escreveu "brava". Que alegria, que felicidade me ver elogiada, algo extraordinário para mim. A cada dia eu ficava mais melancólica, implorava que me levassem para meus tios e avós paternos, mas minha tia dizia que não era necessário.

Ela temia que eu pudesse contar a eles como fui tratado e

alimentado. De fato, a comida não era suficiente para uma menina que tinha que crescer e se desenvolver: de manhã me davam um pedaço de pão duro com um pouco de queijo, ao meio-dia uma salada de tomates e duas azeitonas. À noite, quando o marido estava presente, tia Antônia cozinhava uma massa com um molho improvisado de cebola crua. E se eu não comesse, corria o risco de levar uma surra. Para variar algumas noites, ele cozinhava macarrão com feijão ou uma espécie de polenta mole. Só no natal, réveillon, carnaval e páscoa matavam uma galinha ou um coelho. Em janeiro mataram um porco de onde faziam salame picante e banha, mas era preciso consumir com conta-gotas, senão não chegava para o ano todo. De vez em quando, aos domingos, meu tio comprava tripas sujas que até agora me dão nojo só de pensar, ou tripas enroladas num ramo de salsa, o stigliole, que depois eram fritas. Eram todas comidas baratas porque, segundo eles, não se devia desperdiçar como os avós e eles repetiam-me: - Estás a ver, têm sempre tachos cheios de enchidos e caldo de peixe, comem e bebem. Você tem que ficar longe dessas pessoas - disseram -. Meus tios temiam que outros parentes me convencessem a insistir em me juntar a meus pais no continente. Eles trabalharam tanto para me fazer odiá-los que às vezes, ao encontrá-los, eu colocava as mãos sobre os olhos para não vê-los.

Setembro havia chegado e eu tinha que prestar vestibular para a segunda turma. Meus tios me levaram para a aldeia, consultaram o zelador para ficar de olho em mim, a professora que eu ia ter na segunda série e a professora da banca. Todos eles trouxeram ovos de presente para garantir minha promoção. Eu nunca tinha tido contato com essas pessoas, a sala de aula tinha várias carteiras de madeira de dois lugares com tinteiros. Havia outras meninas comigo que estavam fazendo seus

exames corretivos. Fizeram-me resolver adição e subtração no quadro-negro. Tanto os tinteiros quanto o quadro-negro eram completamente novos para mim. Eu tremia como uma folha de medo e constrangimento, não sabia resolver as operações, porque tia Antônia só tinha me ensinado a escrever os números de um a dez. Eles então me pediram para escrever uma frase, um pequeno pensamento no caderno, mas eu não sabia por onde começar. Quando esses problemas acabaram, o zelador me levou para casa. A tia perguntou-lhe como tinha corrido o teste e o zelador respondeu que não tinha corrido muito bem, mas que a decisão final coube aos professores.

Surpreendentemente, o resultado foi positivo e fui admitido na segunda turma: estava pronto para ir para a escola, mas surgiu o problema do avental. Tio Michele tinha ido à loja no dia anterior e comprado um pedaço de tecido preto. Tia Antônia fez um uniforme para mim em um dia. Mais dinheiro foi necessário para comprar a maleta. Meus tios tinham dinheiro, mas tinham obsessão por economizar, então ele, o avarento, pegou o jeito e fez para mim uma pasta de compensado com um prendedor de janela. Eles nem me compraram uma caneta. Seu tio construiu um com um pedaço fino de madeira com uma ponta presa em uma das pontas. Os dois cadernos e o lápis não puderam substituí-los e tiveram que comprá-los à força. No dia 1º de outubro daquele 1942, minha tia me acompanhou à escola. Primeiro ela foi ao podestà pedir uma certidão de nascimento que a escola exigia porque eu estava fora da aula. A professora foi cheia de bondade e me recebeu com simpatia, mas eu tinha medo dela talvez porque no lugar do braço direito ela tinha uma prótese de borracha devido a um acidente ocorrido quando criança na fábrica de massas do pai. Foi-me atribuído um lugar nos primeiros bancos. Meus novos companheiros, que não

tinham me visto no ano anterior, ficaram intrigados com minha presença e murmuraram entre si: - Ma cù ievi isso é cause sicca-sicca? - (Quem é essa garotinha magricela?). Fiquei muito intimidada e envergonhada, não conseguia abrir a boca e nem respondi as perguntas que a professora carinhosamente me fazia.

Eu era uma criança rebelde e não tinha coragem de pedir para sair para fazer xixi, e uma vez fiz xixi em mim mesmo. Então, quando cheguei em casa, minha tia me deu uma surra porque tinha que lavar meu vestido que, de qualquer maneira, não secava a tempo para o dia seguinte. Os dias se passaram e sempre acontecia a mesma coisa. Quando a professora ficava sabendo no meio do dia, ela me mandava ao banheiro, mas às vezes ela esquecia e eu fazia de novo. Os companheiros me ignoravam e me evitavam como se eu fosse atormentado e nem tentavam fazer amizade comigo.

Eles se conheciam porque se conheceram na aldeia, enquanto eu tinha que caminhar quase uma hora para chegar à casa no campo e, portanto, não tive oportunidade de fazer amizade com eles. Os tios vinham à aldeia apenas aos domingos para encontrar amigos e passar algumas horas felizes com eles em frente a uma garrafa de vinho. Mas na maioria das vezes a tia ficava em casa para receber ordens de serviço para o marido. Aos seis anos de idade, eu costumava caminhar pela longa trilha de mulas em subida. A meio do caminho parei para apanhar um ramo de violetas rodeado de folhas para oferecer à professora.

Cheguei na escola exausta. Depois do meio-dia eu voltava para o campo acompanhado do chilrear ensurdecido das cigarras e de um sol escaldante, sem nunca encontrar viva alma.

Encerrei-me naquele casebre e fiquei sozinho a fantasiar-me naquele ambiente pouco sereno com a minha tia cada vez mais

rígida comigo. O tio, depois do trabalho, ia quase sempre à taberna e voltava tarde da noite, sempre bêbado. Às vezes, mais bêbado do que de costume, ele se perdia e não voltava para casa. Sua tia e alguns vizinhos foram procurá-lo no meio da noite ao longo do riacho à luz de lanternas. Quando o encontraram caído no chão, eles o persuadiram a ir para casa.

Enquanto isso, eu não conseguia fazer nada de bom na escola. No final do primeiro trimestre a professora distribuiu os boletins, depois com as insígnias dos fasces e infelizmente com todas as matérias insuficientes: o meu boletim era o pior da turma. Para encorajar minha tia, eu disse a ela que os outros boletins também eram iguais aos meus e a tia quase mordeu a isca. Então, dia após dia, eu me encorajava e nas aulas procurava fazer amizade com alguns colegas. Quis abordá-los, mas eles me excluíram de suas conversas, talvez porque a seus olhos eu fosse uma pobre camponesa.

Terceiro capítulo - Jogos na areia



Nos anos passados na solidão de Castrangia, o tempo nunca passava porque só se podia ouvir o chilrear dos pássaros durante todo o dia e no verão o chilrear ensurdecedor das cigarras, quando o siroco se arrastava do mar ao longo do curso em ziguezague do riacho e incendiaram o vale. Os animais do campo eram meus amigos. Então eu passei meu tempo sonhando acordado. Criei um mundo próprio a partir das figuras que me apareciam no fundo do céu ou entre os ramos das árvores: animais selvagens que falavam, cavaleiros que alinhei à beira da Rocca Salvatesta e depois com a minha magia poderes eu os fiz cair, eu os vi aniquilados pelo medo. Então transformei a Rocha em um dragão que de repente se destacou da montanha e voando alto semeou o terror por todo o campo. Transformei as nuvens, que viraram barcos voadores e viajei no céu pensando em ir além do mar distante, onde minha mãe e minhas irmãs me esperavam. Caranguejos que saíam da água do córrego e inchavam para se transformar em animais gigantescos que, avançando no córrego, arrancavam também as

plantas.

Às vezes me lembrava do rosto desagradável de minha tia Antônia. Ela não me amava, não me amava e eu a odiava: minha mãe havia me confiado a sua irmã, mas também havia me prometido que um dia viria me buscar: é por isso que muitas vezes eu subia em árvores, esquadrinhou o horizonte, na esperança de vê-la chegar no lombo de um cavalo branco com meu pai. Nas aldeias próximas de San Basilio e Vallancazza, todos os homens haviam partido. Apenas mulheres, crianças e alguns idosos permaneceram. Eram aldeias silenciosas que a vida mal tocava. O tempo havia parado e as pessoas acreditavam que tudo mudaria, que um dia, quando a guerra acabasse, a civilização faria sua entrada triunfal naquele enxame de casas espalhadas, mortas e raquíticas. Teria gostado de ter amigos, de saber que não estava sozinho e abandonado, de poder ser protegido, de saber que poderia refugiar-me nesta ou naquela casa. Eu nem tinha o direito de dizer que estava sem família, que meus pais estavam longe, do outro lado do mar, além daquele azul sem fim, que entre mim e eles havia como uma montanha alta e intransponível. Em vez disso, fui forçado a morar com minha tia, que abusou de mim. Quando pensei nisso e a vi aparecer, ela me irritou com aquela voz áspera e brutal. Uma voz feita para gritar, berrar, insultar e prevaricar.

Até os animais tinham medo de sua voz. Só com o marido ela baixou a crista e o volume de sua voz mudou completamente, transformando-se em balido de ovelha. Minha tia achava que uma garotinha não conseguia entender o que estava acontecendo ao seu redor. Não só entendi tudo, mas, além disso, não fiquei calado nem passivo. Era uma luta constante. Uma luta sem fim e exaustiva. De vez em quando eu pensava no futuro: ela era velha e indefesa, eu era jovem e forte, mas apesar

de tudo não a teria tratado mal, não fazia parte da minha natureza.

Às vezes me aproximava do rio onde encontrava pessoas que iam lavar roupa, fazer a liscia, ou seja, lavavam os lençóis e cobertores, primeiro molhando tudo nas cinzas. Ou quando, depois da tosquia, vinham lavar a lã das ovelhas e secá-la ao sol para branqueá-la e depois usá-la para rechear os colchões das camas. Fui recolher as lascas que sobraram entre as pedras da orla e com elas vesti minha boneca de pano. Quando não sabia o que fazer, comecei a levantar as pedras da margem do riacho em busca dos camarões, com maestria fisguei-os com os dedos acima da cabeça, para evitar que me prendessem os dedos com as garras. Levei-os para casa e à noite, quando minha tia acendeu o fogo, eu os assei e comi: para mim foi um jantar especial. Às vezes, ao invés de caranguejos, assim que a pedra era erguida, sapinhos apavorados saltavam para cima, dando um salto vertical, fazendo-me pular de medo. Achava que eram meus companheiros de brincadeiras e às vezes até sentia pena de deixá-los sozinhos no escuro a noite inteira. Quando tive que voltar para casa à noite, chamei em voz alta o tio Michele, aproveitando o eco que se fazia no vale. Às vezes, no verão, quando havia a família Scardino que morava numa casa mais acima no vale, eu os visitava. Brinquei com a Mimma que era a caçula dos irmãos.

Pippo fazia cadeiras e mesas para as bonecas. Como era bom passar algumas horas juntos. De manhã, eles me ligaram quando foram para o outro lado do rio pegar leite. Eles tinham o balde para encher, "Concettina" estava contente em vê-lo ordenhado. A dona das vacas, Micca a Cappellea, teve pena e me ofereceu meio copo. Em casa da minha tia víamos o leite duas vezes por ano: quando fazia os biscoitos e na Páscoa

quando preparava as pombas com o ovo de argola colorida. Quando o leite ferveu, desnatei até o fim. No quarto da chácara ficava a cama dos tios, se é que se pode chamar cama, com as tábuas colocadas sobre dois cavaletes de ferro com colchão de palha, já que o de crina haviam deixado em Novara. Tive que dormir em um catre com apenas um velho cobertor militar, engordurado e puído. Fui para a cama com uma camisa de lona que usava mesmo durante o dia sem calcinha. Não é possível descrever o frio que senti todas as noites. Quando chovia era preciso arranjar recipientes que servissem para recolher a água que entrava pelo telhado. Se eu precisasse fazer xixi à noite, tinha que sair de casa e fazer perto do degrau. Se eu não percebesse, porque estava sonhando, e o fazia num colchão de palha, pela manhã levava também um monte de barris. Tia Antônia também foi dormir com a mesma camisa que usava durante o dia, enquanto tio Michele se agachava como sua mãe fazia.

A cerimônia do sono ocorreu de acordo com o ritual de sempre: primeiro fui para a cama, depois foi a vez da tia, depois o tio tirou a calça e a calcinha de lona listrada. Com a camisa meio folgada que usava durante o dia, caminhou até a cama, apagou o lampião a querosene colocado sobre uma mesa encostada na parede. Eu, que era travesso, fingi que não olhava e espiei mesmo assim: quando ela se abaixou para apagar a chama, vi projetada na parede, como uma sombra chinesa, sua silhueta com o din-don pendente. - Ai que legal! ele disse, porque todo o vinho que ele bebeu o deixou com muito calor. Ao lado da cama deles havia dois cabides, ou seja, dois grandes cestos de cana onde guardavam os figos secos. Eles os cobriam com trapos sujos e gordurosos, e sobre eles estavam as calcinhas limpas do tio. Numa arca perto da minha cama guardavam pão e um lenço

que enrolavam na minha cabeça quando eu ia para a escola no inverno, a minha cueca e a da minha tia. Só os usava aos domingos, quando íamos à missa em Novara. Os tios diziam que não devíamos colocá-los no campo porque os gastaríamos em vão.

Em janeiro mataram o porco. Fizeram uns enchidos e salgaram a banha. Os pés cozidos eram guardados em uma panela de barro imersa em banha. Geralmente eram consumidos em maio com favas frescas porque tradicionalmente não podiam ser consumidos antes. Uma vez, era abril, pedi um pouco à minha tia porque estava com muita fome e não sabia o que comer com pão. Minha tia começou a gritar que eu estava louca. Um dia, quando voltava da escola, ao longo da trilha das mulas, encontrei Ofélia com sua irmã. Eles haviam perdido a mãe e voltaram com o pai da França.

Eles eram muito mais pálidos do que eu, fiquei com pena deles e disse-lhes: entrem onde eu moro, a esta hora minha tia está fora buscar água, no forno tem uma panela com comida, peguem, alimentem-se mas depois não digam nada a ninguém.- Eles me agradeceram e, movidos pela fome, seguiram meu conselho sem hesitar. Em Maio, quando os meus tios tinham cozinhado as favas, foram buscar os pés de porco e encontraram apenas a panela com a banha: naturalmente pensando que era eu, zangaram-se comigo durante muitos dias para me fazerem pagar. Dessa vez me senti muito orgulhoso porque pela primeira vez tive a agradável sensação de ter vencido uma grande batalha contra a ganância deles. Devido à falta de higiene, as pulgas reinavam imperturbáveis em toda a casa. À noite picavam-me o pescoço e a minha tia ungia-me todas as noites com azeite para impedir que as pulgas sugassem o meu sangue. De manhã, meu pescoço parecia pintado. Como

minha tia, eu também tinha piolho, por não ter me acostumado a lavar o cabelo. Por outro lado, minha tia fazia cachos no meu cabelo e, para mantê-lo no lugar, ungia-o com água e açúcar.

Meus colegas, por outro lado, estavam sempre limpos. Nem o mais pobre deles era tão sujo quanto eu. A professora também contribuiu para o trabalho de marginalização, ao me jogar para longe de todos na fila de trás. Meu corpo estava indescritivelmente imundo. Lavavam-me no rio uma vez por ano, por ocasião da festa de Ferragosto, a mais importante da cidade. Uma vez, pensando em minha mãe, eu tinha uns sete anos, caí nas cinzas quentes do braseiro. Queimei a mão direita e minha tia não me levava ao médico, mas me tratava com ervas todos os dias. Eu tinha duas bolhas semelhantes a dois ovos de pombo, gritava de dor, mas ela não se movia. Parecia que estava sendo comido por ratos.

Eu me curei por um milagre depois de alguns meses e ainda mantenho o sinal. Durante o período escolar, enquanto eu estava na varanda um domingo, uma menina que descia me perguntou se eu queria ir com ela a uma aula de catecismo com a dona Vincenzina. Eu não sabia o que era porque minha tia só me levava à missa por ocasião dos feriados mais importantes, não entendia o que era ir à igreja. Em frente à nossa casa morava um padre, padre Buemi, mas eu o encontrei poucas vezes e olhei para ele com relutância. Minha tia ficava repetindo para mim ad nauseam: 'Se você falar com ele aquele padre vai cortar sua língua'. No entanto, pedi e inesperadamente obtive permissão para fazer aulas de catecismo. Imediatamente me senti à vontade naquele ambiente. A jovem me deu um livreto e uma revista. Senti uma alegria imensa ao ouvir falar de Jesus. Um dia Ele me disse que iria me preparar para a Primeira Comunhão. Eu falei sobre isso em casa e eles me disseram que

eu ainda era muito jovem. Respondi, mentindo, que todas as meninas do grupo fariam. Na realidade já estavam confirmados, porém a jovem e eu combinamos e marcamos a data com o pároco de San Nicola: o dia de Corpus Christi.

Surgiu o problema do vestido branco, mas alguém informou à tia que as freiras o alugaram. Chegou o dia tão esperado: pela manhã ele me acompanhou ao jejum da igreja. Ela assumiu que eram as outras meninas porque nunca havia tomado a iniciativa de entrar em contato com a senhora do catecismo. Percebendo que eu estava sozinho, ela me insultou: - Mentiroso, rude -. Minha professora também estava na missa naquela manhã com outras pessoas. Algumas mulheres presentes a acalmaram. O padre chegou e me levando pela mão me levou à sacristia para confissão. Ele falou palavras bonitas para mim que eu nunca tinha ouvido antes. Senti como se estivesse voando para o Céu e disse a mim mesmo: - Não é verdade que os padres cortam suas línguas, pelo contrário eles sabem entender o sofrimento de uma menina -. Se eu pudesse o teria abraçado e beijado com alegria.

Ele me fez rezar cinco Ave-Marias em penitência e voltei para o meu lugar. Imediatamente minha tia me perguntou o que eu havia dito ao padre por ter ficado tanto tempo ali, e eu: - A jovem me ensinou que a confissão é secreta -. - Sim, mas você tem que me dizer da primeira vez - insistiu a harpia. Sem chance. Houve Missa, Comunhão, e quando saí obrigaram-me a beijar a mão do meu tio e dizer: - Por favor, abençoa-me -. Comecei com meu avô, sempre a mesma frase, depois passei por todos os parentes. Tia Gaetana me deu um livrinho. Eu estava com fome, mas ninguém me ofereceu comida. Normalmente, depois da cerimônia, era costume ir ao bar buscar a granita com biscoitos, mas estes foram levados pela mania de poupar: ao meio-dia

comíamos um prato de massa e à tarde íamos ao fotógrafo porque o parentes sugeriram enviar uma foto da mãe.



Eu havia terminado a segunda série e passei com notas muito baixas. Naquele ano você teve que ficar no país durante todo o verão. Eu objetei: - Pelo menos aos domingos tenho que ir à missa e ver meu avô que está sozinho -. Ele era um homem muito bom, sofrendo de asma. A filha o negligenciou, em parte por negligência, em parte porque foi condicionada pelo marido, que estava sempre zangado com os vizinhos, parentes e sogro.

Levei a roupa para lavar e trouxe secretamente para a tia de Micherillo, caso contrário haveria problemas. Ele nem sentia amor pelo pai: um dia uma meia-irmã dele veio a Castrangia para relatar que ele estava morto. "Se você não for embora, eu te levo um cauci to curo" ele disse a ela.

Quando havia festa na aldeia, oferecia-se aos integrantes da banda musical o "pezzo duro", sorvete assim chamado por sua particular consistência. Tio Michele, nunca se entendeu se era

porque não gostava ou porque era levado a um gesto inusitado de generosidade, ao ver-me passar, chamou-me: "Concettina, vem tomar um gelado". E assim aproveitei para saborear algo bom nessas raras ocasiões.

Há algum tempo, o Dr. Cosentino di Baceno me lembrou de um detalhe que havia se perdido em minha memória. Enquanto a banda tocava pelas ruas da cidade, as crianças tentavam se juntar ao desfile. Mas para justificar a sua presença era necessário "conhecer" um componente. Para provar, ele estava com a mão no bolso do paletó. Assim segui meu tio Michele, enquanto Gianni Cosentino, filho de uma professora primária e órfão de pai, mantinha a mão no bolso do cabecilha.

No meio da guerra, algumas bombas começaram a cair em Novara. Todos fugiram e alguns conhecidos se refugiaram em Castrangia conosco. Para mim foi uma festa porque pude estar acompanhado. De vez em quando ouvia-se o apito de estilhaços. Chegou também a trágica notícia do filho da dona da confeitaria Orlando ter sido despedaçado por uma bomba. A mãe de Domodossola, grávida pela quarta vez, ficou sozinha com Rosa e Antonietta. Meu pai foi chamado de volta à Sicília para ser um bersagliere. Alguns meses depois de sua partida, ele soube que sua mãe havia dado à luz uma menina chamada Emma e que ele tinha a possibilidade de voltar para casa, pois deveria ser dispensado com quatro filhos.

Infelizmente, quando chegou a Domodossola teve uma amarga surpresa: Emma morreu ao fim de 12 dias. Dois dias depois, ele teve que voltar para a frente. Alguns meses depois - foi o período de incerteza e instabilidade que se seguiu ao 8 de setembro - conseguiu escapar ao serviço militar e regressou a Novara à espera do fim da guerra para se juntar à mãe. Ele abriu uma

pequena loja de sapateiro. Todos os dias eu ia vê-lo. Tímido mas astuto para a minha idade, tive a intuição de que papai ia dormir com uma mulher casada, mas com um marido militar. Um dia entrei na bilheteria na ladeira da Piazza Bertolami. A vizinha estava conversando com papai. Atirei com o indicador e o dedo médio apontados para arrancar os olhos do meu pai que estava traindo minha mãe. O vizinho conseguiu me segurar, enquanto meu pai com um sorriso me dizia "Cuide da sua vida". Em 1944 nasceu uma criança parda, cacheada como ele...

Em Badiavecchia, o avô paterno adoeceu com câncer no estômago. Obtive permissão da tia para ir vê-lo. Muitas vezes descii de Castrangia e caminhei ao longo do trecho ao longo do rio. Lembro-me dele na cama, sereno. A vovó ainda estava ocupada com a loja e não podia gastar muito tempo nela. Ela colocou um ramo de oliveira na mão dele para afugentar as moscas, mas ele piorou e não teve mais forças e eu as afugentei. Em 2 de novembro de 1944, aos 66 anos, ele voou para o céu. Papai ainda estava na Sicília. Os tios também compareceram ao funeral.

De vez em quando eu recebia alguma carta da minha mãe. Em 1945 o meu pai regressou a Domodossola e em 1946 nasceu o meu irmão Giuseppe.

Quarto capítulo - Petróleo, teias de aranha e mau-olhado



A guerra ocorria em todo o mundo, as comunicações eram difíceis e nunca mais ouvimos falar de mamãe. Felizmente, meu pai foi chamado de volta à Sicília para se juntar ao corpo de Bersaglieri e, quando teve alguns dias de liberdade, veio me ver. Por causa da guerra havia muita gente no campo. Os deslocados geralmente ficavam quinze dias, mas depois a cidade corria o risco de ser bombardeado e eles preferiam ficar no campo o ano todo.

De vez em quando eu me refugiava com aquelas pessoas. Havia uma família com quatro filhos que estavam sempre de bom humor apesar da falta de comida. Vi a ganância dos meus tios, que tinham tantos figos secos e não davam a ninguém: peguei um bom punhado e trouxe-os secretamente para ele. Alguns dos feijões que eles me deram no café da manhã eu guardei para eles. Até pão duro: uma fatia que minha tia colocou no meu bolso antes de ir para a escola eu dividi com aquelas crianças e em troca elas me deram umas folhas para escrever, me fizeram brincar no balanço e um deles construiu os

brinquedos, cadeiras e camas para bonecas que ela destinava para mim e para a irmãzinha, enquanto a irmã mais velha fazia bonecas de pano para nós.

Às vezes acontecia que eu descia até o rio, onde as mulheres do bairro iam lavar a roupa com cinzas, e ficava admirado com o fogo aceso para esquentar a água numa vasilha sustentada por duas grandes pedras. Nunca vi minha tia fazer essas operações. Quase nunca se lavava ou ia ao rio sem ninguém por perto para não mostrar a roupa gordurosa e muito suja.

Outras vezes observei as mulheres que durante dois ou três dias estendiam sobre as pedras o pano de linho tecido em casa. Molharam e deixaram secar sob o sol escaldante até que ficasse branco. Minha tia sempre me ligava em casa mas eu fingia não ouvir. Em tempo de guerra, a nora também voltou de Turim com uma menina. Por respeito a Salvatore, seu enteado, ela foi tratada como uma rainha. Durante esse tempo ficaram na aldeia e para a ocasião a tia trouxe sabonete perfumado, toalhas de linho, secador de louça, toalha de mesa e guardanapos para causar boa impressão. Em vez disso, fui tratada como uma criada, enviada para fazer recados e pegar água na fonte, porque enviar um convidado era uma vergonha.

Chegou o Natal e, segundo o costume do norte, pela manhã a noiva encontrou um lindo presente do Menino Jesus para a filha: um lindo conjunto de potes e pires para uma boneca. Fiquei feliz por ela, mas ao mesmo tempo estava explodindo de raiva por nunca ter acontecido essas coisas comigo. Eu estava ficando cada vez mais fraco. Havia uvas, mas aí de comê-las: era preciso espremê-las para o vinho. Você só podia comer o roubado dos vizinhos. As avelãs eram recolhidas mas para as vender. Comi algumas secretamente como os esquilos na floresta. Meus tios compravam leite só no Natal e na Páscoa

para fazer biscoitos e eu desnatava com uma colher enquanto fervia. Minha tia raramente me deixava com o lado bom para cima. Muitas vezes eu esperava que ela fritasse para mim: 'Vamos guardar assim quando tivermos e a galinha passar (era um jovem de Messina que andava pelo campo catando ovos, passando-os como frescos) nós' Vou vendê-los e conseguir o dinheiro. Ele coletou os ovos por dois meses e depois os vendeu.

Os de Messina que compraram os ovos provavelmente se viram segurando um pintinho. Os figos tinham de ser sorvidos, só alguns podiam ser comidos, os outros eram deixados a secar ao sol para vender ou guardar para o inverno. No mês de outubro, belas castanhas foram realizadas à noite. Se sobrassem alguns descascados, o meu tio deixava-os em cima da mesa da salinha (não no prato, mas no tapete engordurado com o azeite que pingava do candeeiro) e de manhã, quando se levantava às quatro para ir trabalhar, ele me acordou e me entregando as castanhas disse: "Você tem café da manhã". Obedeci e comi de fome, mas tinham gosto de óleo e inevitavelmente me deram dor de estômago. O tio gabava-se: - Adoro a minha sobrinha, até preparo as castanhas dela quando ainda é tarde da noite -. Na verdade, meu tio tinha ódio em seus olhos. Às vezes eram amarelos, vermelhos de fogo quando ele estava com raiva: embora pequenos, aqueles olhos invadiam seu rosto. Eram pequenos e profundos como buracos estreitos por onde escapa o ódio. Enquanto isso, a disenteria e os vermes triunfavam. Minha tia me dava uma colher de chá de petróleo de vez em quando. Isso afasta os vermes, ela murmurou para se convencer... então ela começou com o "prichentu": - Mazzai un vermu gruossu quennu ìa pagana, ùa u mazzu chi sugnu all Christian. O luridì sentu, o terça-feira sentu, o mercuridì sentu, o

giuvidì sentu, o vinardì sentu, o sabutu sentu, matteia du jurnu di Pasqua u viermu sturdudu a tierra casca.-

(Matei um verme gordo quando era pagão e agora mato como cristão. Na segunda-feira santa, na terça-feira santa, na quarta-feira santa, na quinta-feira santa, na sexta-feira santa, no sábado santo, na manhã do dia de Páscoa o verme atordoado cai no chão).
Não sei como consegui sobreviver.

Aqui abrimos um parêntese.

Depois de muitos anos, a dor de estômago tomou conta de mim. Eu costumava fazer radiografias com máquinas do tamanho de uma sala. Deram-me papa branca para ver se havia úlcera. Infelizmente você não conseguiu ver nada. O radiologista disse que era gastrite e me passou alguns paliativos para aliviar a dor. Cheguei ao ponto de não aguentar uma colher de água. Eu tinha cerca de cinquenta. Paolo, amigo de Armando di Piacenza, propôs me levar a um especialista. Ele também procurou o Dr. Mazzeo. O instrumento de gastroscopia não conseguiu passar pela garganta. "Não sei como salvar esta mulher", disse o médico, "o piloro está fechado." Todas as pessoas que fizeram a gastroscopia saíram da sala com as próprias pernas. Eu em uma maca com uma intravenosa. O médico me receitou uma cura forte por dois meses. Quando voltei, o instrumento ainda não estava passando. Outra cura ainda mais forte por três meses.

Cinco meses após a primeira visita, o instrumento começou a romper o piloro. "Milagre!" disse o doutor Mazzeo. Depois que o tubo foi removido, ele me fez muitas perguntas para entender se era algo congênito ou causado. Comecei a chorar: "Talvez seja o petróleo que Zizi me dava de vez em quando para as minhocas."

O médico colocou as mãos nos cabelos: "Óleo? E você ainda está vivo!". Continuando os tratamentos, de vez em quando eu repetia a gastroscopia.

Graças ao Dr. Mazzeo que salvou minha vida, agora depois de muitos anos posso desfrutar de comida com apenas alguns remédios de contenção.

Quando alguém a chamou da varanda, sua tia ficou com a cabeça girando. Eles então a aconselharam a tomar um pequeno copo de ferroquina com o estômago vazio. Ela convenceu o marido a comprar e pela manhã ele me deu um copo também.

Naquela casa, aliás, também reinava a superstição. O tio sempre tinha dor de cabeça por causa do vinho que bebia, mas segundo ele a causa era o mau-olhado de alguém. Sua esposa teve que implorar: ela pegou um prato de água, derramou um pouco de sal e uma gota de óleo e então começou com o prichentu para a dor de cabeça: - Oglu biridittu, oglu santissimu, trasi ta sta casa e scaccia stu marocchiu, oglu biriditto saia e afaste esta mammucca... (óleo abençoado, óleo santo, entre nesta casa e afaste este mau-olhado, óleo abençoado, fortaleça-se e afaste este demônio...).

Este ponto de óleo bento expandiu-se, de acordo com a crença deles, do mau-olhado. Pouco depois essa água foi borrifada nos quatro cantos da sala e sua dor de cabeça passou.

Para curar as feridas, as teias de aranha eram associadas ao óleo e um pedaço de carne para fazer caldo. Essa mistura horrível era, diziam eles, infalível! De manhã, deram-me um copo de água com magnésia. Depois de um tempo, todo trêmulo, tive que sair para o frio para me libertar. Quando me recuperei, eles me enviaram a uma mulher que fazia mágica: com um fio ela me mediu da cabeça aos pés e com a mesma medida meus braços

horizontais. Se faltasse uma peça, isso evitava a morte naquele ano.

Ainda que à sua maneira os tios tivessem fé em Deus, nos Santos, na Madona. Todos os anos, no dia 8 de setembro, iam a pé a Tindari, ao santuário dedicado à Madona negra a cerca de quarenta quilômetros da cidade. Desde os cinco anos de idade tive que fazer essa penitência.

Por ocasião das romarias ao Santuário de Tindari no dia anterior, a tia fazia os gorros (chinelos) de trapos. O tio saía pontualmente para caçar e trazia para casa um ou dois coelhos bravos para cozinhar. Para causar boa impressão, a tia também preparou berinjelas recheadas. Ela se olhou no espelho e enxugou o rosto com um pano. Na época estava em voga a música "Dove sta zazà, minha beleza", a partir da qual adquiri o hábito de chamá-la de "zizi".

Partimos para Tindari por volta das onze da noite para chegarmos ao amanhecer. Cansado e exausto por causa da minha fragilidade, pedi muitas vezes um pouco de água fresca, mas eles não compravam nas barracas como todos os outros cansados: faziam fila na única fonte localizada perto da igreja de onde a água quente jorrou não ajudou a apaziguar o calor. Segundo a tradição, compravam grão-de-bico, favas e feijão-canela, depois iam à missa, rezavam o Madinuzza e à saída encontravam-se com os conterrâneos e os meus parentes paternos. Ao meio-dia fomos comer debaixo das oliveiras circundantes. Pena que estava tão cansada, aliás naquele dia sempre havia pratos apetitosos para causar boa impressão na frente dos amigos. O almoço incluía coelho bravo cozido no forno, que o meu tio invariavelmente ia caçar umas noites antes, berinjelas e pimentos recheados, uvas e biscoitos caseiros. Para chegar em casa, os amigos pegavam um meio: o carro ou

as carroças puxadas por cavalos. Eu assisti, já resignado a andar de novo. Só se tivesse um tio eu poderia me dar ao luxo de andar a cavalo, senão era uma dor.

Capítulo Cinco - As corujas



Ainda sobre religião, meu tio sendo membro de uma confraria, eles tinham a obrigação de se confessar e comungar no Domingo de Ramos na igreja de San Giorgio. A cerimônia aconteceu às cinco da manhã, o padre primeiro confessando todos os homens em uma capela, depois se dirigindo ao confessionário para as mulheres.

Quando chegou a vez da tia, que usava um grosso xale preto, ela carregou a vestimenta para perto da grade para se cobrir o máximo possível: parecia que tinha que inalar chá de camomila. Ele confessou e então: - Agora é a sua vez - ele me disse. Mesmo que eu quisesse me confessar durante o ano, não poderia. A minha tia repreendia-me: - Não debes zombar do Senhor, uma vez por ano basta, senão não és digna de levar a hóstia porque podes pecar até com os olhos -.

Por volta das nove horas Santa Missa, comunhão e imediatamente para casa. Como sempre, por motivos fúteis, seu tio começou a xingar, ela desenvolveu uma tosse nervosa. Cenas indescritíveis aconteceram: se naquele dia por algum motivo alguém tivesse necessidade, não poderia cuspir, senão jogaria o Senhor fora de sua boca. Se por infortúnio acontecia, ele pegava a tampa da jarra, cuspiam nela e voltava a beber o

líquido com água e açúcar. Na Semana Santa, as pessoas permaneciam na aldeia até à noite para assistir aos sermões noturnos proferidos pelo monge. Às quintas-feiras preparavam-se as pombas, massa de biscoito de vários formatos com ovos cozidos em água e anel, corante tóxico. Na Sexta-Feira Santa pela manhã, em jejum, foram visitadas todas as igrejas enfeitadas com brotos de trigo, depois engoliram-se três folhas de sobrinho (erva medicinal de cheiro muito intenso) que garantiram o bem-estar durante todo o ano.

Não precisava trabalhar durante o dia para não ferir Jesus Crucificado, se costurasse a agulha picaria, se visse que corria o risco de ferir o corpo, e assim por diante. Pois naquele dia, o que quer que eu fizesse, nem apanhava, senão Jesus chorava. Às onze horas do sábado houve a missa da paz e da ressurreição. Todas as crianças trouxeram as pombas para receber a bênção do padre e depois comê-las. Nunca consegui tirar essa satisfação porque tive que guardar a minha pomba com dois ovos para o passeio escolar que foi organizado na terça-feira depois da Páscoa. Tive que oferecer um ovo para a professora. No dia da Páscoa compraram-me um borrego de massapão, o mais pequenino para não gastar muito. O tio era sovina de engraxar os sapatos com a fuligem da panela que se formava no fogo. Se a tia soubesse que um trabalho estava terminado e eles estavam pagando por ele, ela me recomendaria: - Pergunte ao seu tio se ele trouxe o dinheiro -.

Ela e eu quase tivemos que adorá-lo como dois escravos até que ele se comoveu e deu dez liras a ela e cinco a mim. Não pude gastar meu dinheiro porque estava destinado ao cofrinho. Uma vez eu disse à minha tia que queria jogar na loteria. Ela concordou porque esperava ganhar. A minha era uma mentira. Na verdade eu também me sentia prejudicada no vestir em

relação às minhas companheiras: elas tinham saias, mas minha tia não gostava e eu era obrigada a usar vestidos inteiros. Todos usavam meias até o joelho de algodão branco, marrom ou azul, tive que me contentar com as meias laranja dela, que custavam menos que as outras. Usei-as acima do joelho apoiadas num elástico, mas o maior problema é que, sem pé, chegavam até ao tornozelo. Sobre ele, usei um par de meias curtas. Eu já era bastante marginalizado e tinha que me distinguir também pelas roupas. Com as cinco liras pensei em comprar um par de meias mais decente, que usaria de manhã, antes de ir para a aula. A loja estava fechada naquele dia. Não pude ir para casa com o dinheiro porque minha tia o teria localizado. Pensei em escondê-los debaixo de uma pedra ao longo da trilha das mulas. Choveu à noite e sendo papel desintegraram-se completamente, como percebi na manhã seguinte quando fui recuperá-los.

Quinze dias se passaram e minha tia me perguntou se eu tinha ganhado na loteria. Mesmo assim, não fui sincero e disse que sim. Esse dinheiro nunca veio. Na Sexta-Feira Santa, durante a procissão em honra de Nossa Senhora das Dores, encontrando-se com a professora, pediu explicações. Eu estava morrendo de vergonha. Naturalmente, ela não sabia de tudo, então levei dois tapas de minha tia sob seu olhar severo. Sempre fui à escola com boa vontade, mas com resultados ruins. Ninguém me entendia e sempre fui promovido graças a recomendações, então minha mãe ficava tranquila que sempre me obrigavam a estudar. Eu estava bem só com o gato, até que um dia o tio bêbado voltou da aldeia com umas tripas e o animal pegou um pedaço para se alimentar. Pegando um mosquete deixado pelos soldados, matou-o em campo aberto. Para mim foi uma grande decepção.

Na hora da debulha eu ia colher os grãos de trigo e cevada que

sobravam na roça dos vizinhos, colocava num saco e levava para o moinho da senhora Tindara no rio. Levei então a farinha para Novara para a prima de minha mãe que, por profissão, sendo viúva e com dois filhos pequenos, pela manhã ia buscar lenha no mato e acendia o forno para preparar o pão para quem lhe trouxesse a farinha, obtendo algum dinheiro e um pouco de pão para as crianças.

Em setembro, quando os figos estavam maduros, eu subia nas árvores e colhia os frutos saborosos, depositando-os em cestos de junco pendurados nos ramos com um gancho. Os figos eram cortados e deixados a secar ao sol sobre uma bengala. Depois de alguns dias, eles ficaram secos. Plantados em grandes cestos, eram comidos no inverno. Nesses bons tempos, a dona Maria, uma vizinha do campo, vinha preparar figos secos. Muitas vezes fui vê-la. Ela era mãe de muitos filhos. Um deles, Carmelo, era epilético. Às vezes, não era mais para ser encontrado. A mãe preocupada foi procurá-lo e eu quase me diverti com ela.

Quando eu estava na quinta série, a professora havia pedido para avisar aos pais que nos levaria ao cinema para ver o filme "O menino alpino". Os tios: "Você não vai ver essa sujeira". O sobrinho do padre oposto ouviu: "Você tem que mandá-la, eu também não vi." Então eles foram transferidos e eu pude ir.

Chegou um pacote da mamãe com doces. Eu tinha trazido alguns para a escola. Era uma época de fome e os doces também eram escassos. A irmã do meu professor ensinava na quarta série enquanto eu estava na quinta série. Ela pediu bombons para uma menina mais pobre que eu que estava doente e eu deixei todos para ela.

Em 1945 o meu pai regressou a Domodossola. Eu o vi novamente em abril de 1946 e com ele estava minha mãe que esperava um bebê.

Passei dez dias felizes com meus pais. Muitas vezes eu ia visitar meus avós e tios, então comia o quanto queria e bebia muitos refrigerantes da minha avó que os vendia. No final, minha mãe quis me levar com ela para a alta Itália, mas minha tia, sempre falsa e egoísta, a convenceu a me deixar com ela. Frequentei a quinta série, sempre com dificuldade dada a minha fragilidade. Nos dias do exame chegou a notícia do nascimento do irmãozinho. Todos felizes, mas arrependidos ao mesmo tempo. Chorei de alegria e de dor. Talvez por isso a professora me promoveu mesmo não tendo falado nada sobre as provas. Naquele ano eles montaram uma seção de ginásio na vila e quase todos os meus companheiros se prepararam para o vestibular para acessá-la. Para mim não havia possibilidades: meus tios estavam convencidos de que só corujas frequentavam aquele tipo de escola. Na verdade, depois de terminar o ensino médio, era preciso ir para Messina para o mestrado. Meus pais tiveram que mandar o dinheiro para os livros, não teriam feito compras. Eu não parava de chorar porque queria continuar meus estudos. Eles então me ofereceram a possibilidade de ingressar no biênio profissional, uma espécie de ensino médio muito ruim, com duração de dois anos. Os mais pobres iam para lá, de qualquer maneira eu aceitava. Andando de um lado para o outro, de manhã e à tarde, participei do curso. A escola era mista: os meninos mais desordeiros levantavam a mão contra o diretor que ensinava matemática, também tropeçavam nos professores de italiano e francês. As tarefas domésticas eram ensinadas às meninas e noções agrícolas aos homens. Na realidade, nada foi aprendido. Meu lucro foi bom sendo tímido e com muita sede de aprender.

Antes do final do ano letivo, os professores nos prepararam para um teatro beneficente. Eu tinha que aparecer vestido de

moleque de rua. A boina do tio estava lá, faltava o short. Quando contei à minha tia, ela exclamou: "Você é gentil em pagar a fiança". Não desanimei: procurei a mulher do barbeiro, Liezza, para pedir emprestada a calça do filho. Assim, na noite do recital, vesti-me de menino de rua, em meio a muitos aplausos e ao desespero de meus tios, que estavam presentes na platéia da ocasião.

Infelizmente, mesmo esses dois anos se passaram e terminei a escola para sempre pensando que havia permanecido tão ignorante quanto e mais do que antes.

Sexto Capítulo - Por favor, me perdoe (Luz das estrelas)



Eu tinha doze anos quando em agosto minha mãe veio me visitar com meu pai e meu irmãozinho que vi pela primeira vez. Ver o rostinho dela me deixou feliz e lembro daquele dia como um dos melhores da minha vida. Meus pais estavam decididos a me levar com eles para me colocar de volta na escola, mas minha tia pela enésima vez os distraiu da ideia: ela teria me enviado para ser costureira com a perspectiva de aprender bem o ofício. E assim aconteceu, contra a minha vontade. Meus pais foram embora e eu fiquei na Sicília como um idiota. Desde então não tive mais sossego e sempre chorei escondido. Meus tios diziam que meus pais certamente não teriam me amado como eles, que me criaram como uma filha (uma filha certamente teria passado pelas mesmas dores que eu). Um dia minha tia procurou a melhor costureira da cidade, onde minha mãe também havia aprendido o ofício, para pedir-lhe que me contratasse. A costureira respondeu que já tinha oito meninas e não poderia aumentar o número. No dia seguinte, sua tia trouxe alguns ovos para convencê-la e ela disse: - Volte daqui a um mês, talvez um dos aprendizes esteja partindo para Turim e

ainda haja lugar livre para sua sobrinha -. Pontual, depois de um mês minha tia me mandou para o laboratório. A jovem, que não tinha mais de um metro e meio de altura, me deu as boas-vindas: - Tudo bem, eu te levo porque tenho pena de você, acho que você prefere vir para mim do que ficar no campo com sua tia -. Ele não estava totalmente errado em pensar assim. No dia seguinte, às oito, apresentei-me. - Comece a varrer o laboratório - disse-me ele - depois você vai lavar o chão -. A história estava começando a me irritar. Comecei a limpar o melhor que pude. Eu era pequeno em estatura, tinha doze anos, mas parecia ter oito.

Não sabia lavar o chão: no campo era de pedra e na aldeia, onde havia ladrilho, a minha tia nunca lavava para não estragar. Eu tentei fazer o meu melhor, mas a costureira me chamou de burro porque eu não tinha lavado bem. Às nove horas chegaram os trabalhadores e começaram a se interessar pela nova causita. Todos me olharam com pena. Ouvei seus discursos e caí das nuvens sem saber o essencial da vida. De vez em quando me davam uns trabalhinhos de costureira, coisas que eu não fazia de bom grado, sempre amargurada por não ter podido estudar. O dia teve um lado positivo: ao meio-dia, não tendo que voltar para o campo, comi tranquilamente em casa, estendi um guardanapo sobre a mesa, arrumei o copo, a garrafa de água e um prato. Em suma, para comer um pedaço de pão duro com queijo eu gostava de pôr a mesa como qualquer pessoa comum. Depois do almoço fui visitar uma vizinha que era nove anos mais velha que eu e era costureira. Ela ajudou a abrir meus olhos para minha ingenuidade. Com ela morava a mãe, uma irmã com patas de elefante e outra inválida.

Às vezes eles me convidavam para tomar uma tigela de sopa. A costureira me pediu para ajudá-la a fazer roupas de bebê em

ponto cruz. Uma vez tive um ataque de tristeza e parei de trabalhar no meio do caminho. Outra vez, por despeito, tirei as cinzas do braseiro e espalhei pela escada. Eles disseram: "Quem eve paccia? Peguei alguma doença?". Eventualmente, eles me entenderam e me perdoaram.

Às vezes eu ia até as freiras do orfanato Antoniano para brincar com as órfãs. Eu os invejava um pouco porque viviam seus dias em ordem. Comiam com a mesa sempre bem posta, depois brincavam e por fim em horários determinados se dedicavam à devoção a Deus rezando. Pensei: - Têm sorte, já não têm pais e no entanto vivem bem com as freiras, enquanto eu tenho pais mas sou obrigado a viver com estes tios baixinhos -. Sem que eles soubessem, para evitar um interrogatório tedioso subsequente, fui ocasionalmente visitar uma tia paterna que morava na aldeia. Pedi-lhe dinheiro para enviar uma carta aos pais dela implorando que me levassem com eles.

Em novembro de cada ano, eles me levavam à feira de Sant'Ugo, que acontecia em Piano Vigna. Nesta localidade os avós paternos montaram um barracão onde preparavam carnes grelhadas e enchidos que vendiam acompanhados de um bom copo de vinho. Para mim foi uma oportunidade de estar junto com meus parentes paternos, saborear uma boa carne e beber um refrigerante colorido, olhar as barracas que vendem braseiros, lanternas, panelas de barro, quartare e bumbaelli.

No dia seguinte fomos novamente a Badia Vecchia para a festa de Sant'Ugo, uma missa, uma pequena procissão e depois na loja dos meus avós que me ofereceram salsicha, pão e refrigerante, este tirado de uma garrafa fechada com um bola no interior.

Uma vez antes do Natal fomos a Messina por 3 dias. Dormimos com um parente. Não gostei nem um pouco dela: contava aos

tios que roubava ovos de uma camponesa no mercado, distraíndo-a. Eu havia aprendido no catecismo que não se deve roubar. Com a filha à noite fomos a um senhor que construía estatuetas. Para ser generoso, meus tios me deram dinheiro para comprá-los. Na mesa unvida de Castrangia pude construir um presépio. Com galhos de aspargos e alguns flocos de algodão formei uma cabana. À noite desfrutei do ambiente de duas velas feitas com cascas de nozes embebidas em azeite e um pedaço de barbante junto ao Menino Jesus. Tio Michele também gostou da ideia e quis me recompensar: "Ntoia, descasque duas figas da Índia", e minha tia foi buscá-las debaixo da cama onde estavam guardadas.

Quando parei para dormir sozinho em Novara, durante a novena de Natal, fui com minha vizinha Antonietta à cerimônia que acontecia às 5 da manhã na igreja Annunziata. No fundo da igreja, o sacristão cedeu as cadeiras mediante pagamento. Nós os trouxemos de casa. Na volta visitamos a Carolina, a lavadeira do engenheiro, já trabalhando de madrugada embaixo da escada. A essa altura ela já havia ido tirar água da fonte de San Francesco com grandes litros, para encher a tina de madeira. Ele disse: "Caùsi, espera aqui, vou ver se os senhores deixaram algum biscoito ontem à noite, então você pode tomar café da manhã". Quase nunca voltava de mãos vazias. Convidei Antonietta para subir e acendemos o braseiro. Quando a Carolina não encontrava mais nada para comer, ia à cozinha buscar um pedaço de pão duro e um copo de água ao bumbaello. Até as 8 paramos para fazer guardanapos, depois nos despedimos: fui para a oficina, Antonietta foi para a casa dela ajudar a mãe que é filha única com 8 irmãos.

Só em Novara eu me sentia um cidadão. Quando fui visitar o avô Turi, limpei as janelas para ele e ele me deu "uma srea"

(gorjeta). Fui comprar esmalte. Também comprei o solvente para removê-lo quando senti que encontraria meus tios. Usei pó de talco como pó facial. Infelizmente: um dia deixei na cara e passei por minhas tribulações, bofetadas e insultos. "Onde você conseguiu o dinheiro para essa porcaria?" E eu: "Não vê que é farinha?". Enquanto isso, os vizinhos haviam se mudado para outro bairro. Um dia eles me convidaram para ir ao circo. "Não tenho dinheiro...", eu disse. Eles me emprestaram. À tarde, fui ao laboratório curtir o espetáculo: macacos no trapézio, crianças a cavalo, elefantes, palhaços, coisas nunca vistas antes. Infelizmente eu tive que conseguir 8 liras.

Alguns dias depois, a caminho de Castrangia, em San Salvatore, encontrei a mãe de uma colega de escola com uma sacola cheia de verduras compradas dos fazendeiros. Ele me perguntou se eu poderia voltar para a aldeia (pela mentalidade da época ele tinha vergonha de ir à praça com a sacola!). Eu concordei, pensando em juntar algum dinheiro com a gorjeta. Infelizmente, tendo chegado a sua casa com dificuldade, ela me recompensou com quatro amendoins. Eu não desanimei. Ganhei uma lira vendendo um guardanapo para uma senhora de Fantina. Construí Pinóquios de papelão com pernas e braços movidos por uma corda. Algumas crianças os compraram por centavos. Outra ideia: óculos de sol para crianças pobres. Eu procurava embalagens de balas coloridas transparentes em frente aos bares. Com papel açucarado recortei a moldura e consegui recuperar outros centavos. Depois de dois meses consegui devolver as 8 liras.

Apesar da idade avançada, o avô tinha asma e uma hérnia que carregava desde os cinco anos de idade, tentava se distrair no campo, já que a filha quase nunca o visitava. Ele estava bem durante os dois meses de verão em que sua nora chegou de

Messina: ela lavou sua roupa de cama e revirou a casa para limpá-la de tudo o que havia acumulado durante o ano.

Quando nos encontrávamos ela me dizia: 'Sua tia é uma vergonha, você não pode fazer um pobre velho sofrer assim na imundície.' À noite fui relatar, mas a tia criticou a cunhada: - Ela é cidadã, pode pensar por si mesma o que quiser -. E eu retruquei: "Tem razão, já vi a limpeza que você faz: já lavou até o mictório com ácido e ficou brilhoso de novo". Nesse ponto ele me deu um tapa porque não devíamos falar sobre essas coisas e eu era nojento.

Um dia meu avô me deu um dinheiro e eu comprei um cancionero que as meninas da oficina falavam. Por algum tempo consegui esconder, mas uma noite não tive tempo e meu tio, percebendo, começou a xingar: "Mesmo esse lixo nojento, agora você está virando um valentão." Com essas palavras eu rasguei na cara dele antes dele. Diante da minha rebeldia ele não viu mais, puxou para baixo o cós da calça e começou a me bater violentamente. Eu tinha cerca de treze anos e foi a única vez que ele disse à esposa: 'Ouvi dizer que uma senhora está partindo para a Alta Itália, para acompanhar sua sobrinha à aldeia e mandá-la com ela para seus pais'. Naquele momento me senti feliz, também esqueci as dores das surras que havia levado, então fui e sentei na grama pensativo. A escuridão estava começando a cair, pensei, enquanto as sombras da noite se infiltravam nos galhos das árvores e um leve vento frio soprava do rio.

Encostei-me a uma noqueira e adormeci olhando as nuvens. Sonhei muito, um enxame de sonhos coloridos. Uma leve brisa acariciou meu rosto. Abri os olhos e amei estranhamente aquele lugar que sempre odiei e percebi pela primeira vez com espanto que era iluminado apenas pela luz das estrelas. Deixei-me levar

neste estado de abandono, voltei a sonhar. A felicidade como um fluido misterioso entrou gota a gota em meu pequeno ser. Eu não era uma garotinha doce. Meus pés estavam enrugados por ter caminhado nas pedras afiadas do riacho, mas todo o meu corpo e até minha alma já estavam acostumados a detestar tudo o que pudesse parecer doce e terno. Mas confesso que aquele breve sono daquela noite foi maravilhoso e nunca mais o encontrei. Talvez seja por isso que ainda me lembro. De repente uma mão pousou em meu ombro, tia Antônia chegou e a seu modo me despertou abruptamente: "Vamos para casa. Quando chegarmos aí, você vai beijar a mão do seu tio e dizer a ele - Por favor, me perdoe -". E assim foi.

Naquela noite, deitei-me tremendo, não consegui dormir à noite e passei as horas na expectativa espasmódica do dia. Se caísse no sono sem perceber, de repente estremeceria como por um chamado ou um sobressalto de consciência, que me exigia acordado e dolorido e não me dava trégua. Passei o resto do tempo de olhos abertos perscrutando os monstros que a escuridão da noite desenhava nas paredes e, sem ter forças para fazer nada, chorei e chorei. Mas não era um choro triste, era outra coisa que eu não conseguia ouvir. No dia seguinte não fui ao laboratório porque meu corpo parecia um mapa de tão machucado. Só voltei depois de uma semana quando as marcas começaram a sumir.

Capítulo Sete - Emília



No domingo à tarde fui ao orfanato com alguns amigos: uma freira nos explicou o Evangelho de maneira simpática com algumas piadas pertinentes. Que alegria passar aquela hora na alegria. Um dia ele nos disse que em outubro chegaria o bispo de Messina para as crismas.

- Levante a mão se deseja este sacramento para que eu o comunique ao arcipreste Monsenhor Salvatore Abbadessa - Sem saber o que fazer, levantei timidamente a mão. Alguns dias depois, contei a zizi. Ela ficou constrangida: teve que procurar uma madrinha. Propus a filha do carteiro, a Srta. Rina, uma jovem professora. Como podemos perguntar a ele? No dia seguinte fomos à casa dela e ela concordou. No dia 9 de outubro de 1948, à tarde, fui com meus amigos à Igreja Matriz para me confessar. No dia seguinte fui à casa da madrinha pela manhã e ela me deu uma pulseira de filigrana entrelaçada com coraçõezinhos. Comecei a me alegrar. Às 11 horas fomos à igreja. O bispo chegou e começou a celebrar a Santa Missa. No intervalo nos alinhamos na nave central e um a um ele nos confirmou. Depois da missa, os tios nem sequer ofereceram um café à madrinha. Eles apenas a cumprimentaram simplesmente chamando-a de "commare".

Lembro que quando criança ao voltar de Castrangia antes de chegar na aldeia havia uma capela dedicada ao Salvador. O zizi parava por um momento e dizia em voz alta "oh mães, oh mães ...". Achei que fosse uma oração. Quando fiquei mais velho, percebi que, em vez disso, ela chamava sua falecida mãe, pois o cemitério fica logo acima da capela. Eu nunca tinha ido ao cemitério porque zizi nem foi à festa dos santos. Eu sabia que naquela ocasião as pessoas compravam flores da Signorina Signorino em um lugar chamado "Fussadello" e quase em procissão iam enfeitar os túmulos de seus entes queridos. Uma vez propus a zizi: "Por que não vamos visitar o túmulo de sua mãe também?"

Ela respondeu que iria se arrepender. - É inútil invocar "mães - mães" se você não quer trazer nem uma flor para ela. - Com essas palavras ele quase se comoveu. Fomos a Fussadello comprar alguns crisântemos. No Dia de Todos os Santos fui chamar o avô Turi para nos levar ao túmulo das "mães", para mim a avó Rosa. O vovô havia mandado reconstruir aquele túmulo recentemente porque em tempo de guerra a única bomba lançada no cemitério o havia destruído.

Embora orgulhoso por ter vencido mais uma batalha, meus pensamentos voltavam dia e noite para meus pais. Tentei me distrair quando estava no laboratório. Comecei a gostar de costurar: preparei o enchimento das ombreiras, soprei no ferro a carvão. Quando o ferro estava quente as meninas crescidas passavam a ferro as peças para fazer roupas. Para mantê-lo esticado, costumava-se colocar pesos de chumbo costurados entre duas fitas na borda. Eu comprava do meu padrinho que vendia material para fuzil. Eram pellets que eu tinha que achatar com um martelo. Às vezes até achato os dedos... Enquanto isso Dona Orlando dava cursos pagos de corte para meninas mais

velhas. Eu estava sentado longe, mas forçando meus ouvidos para entender algo das lições. Uma vez os tios disseram que íamos a Fantina procurar as "commare" e as "compare", aquelas que dormiam connosco quando vinham a Novara para fazer recados importantes. Uma vez a madrinha perguntou a zizi "Quantos anos você tem?" E zizi: - Mi orbu da vista i l'occhi, nun mi riguordo - (se faltou minha visão, não me lembro).

Com a dica do avô Turi fui comprar um pedaço de tecido verde, para testar minha habilidade fiz uma saia. Chegou o dia da partida para Fantina (duas horas de caminhada). Acordamos às 4 horas. Eu queria surpreender Zizi vestindo minha saia. Era tão estreito que mal conseguia andar. Quando viram a minha criação começaram a dizer: - Criamos e agora que está começando a crescer, é uma coquete. Isso nos faz sentir vergonha. E eu ressaltei: "não vou tirar essa, se quiser é assim, senão vai!" Mas no meu coração pensei "como posso andar com uma saia tão justa...". Chegamos ao nosso destino de qualquer maneira. A comarca perguntou onde eu mandara fazer uma saia tão bonita. - Sa figi illa - (ela fez isso) disse zizi. - Então, quando temos que costurar algo, vamos até ela -. Orgulho da Coruja...

Às vezes, na aldeia, via coisas que me entristeciam. Emilia era surda-muda, talvez sem-teto. Na maioria dos dias ele passava pela rua onde eu morava. Se ele encontrasse alguém, ele colocava a mão na boca. Às vezes ofereciam-lhe um pedaço de pão, mas havia quem, sem escrúpulos, lhe dava migalhas de queijo e depois se escondia para ver a reação: a coitada sentava-se no degrau de uma porta e batia a cabeça na parede. Um dia, indo à loja comprar linha, ouvi a voz forte de Antonio, o cego. Da abadia, situada no cimo da povoação, anunciou que tinham chegado as sardinhas. Com algumas liras que sobraram da gorjeta de meu avô, fui à peixaria comprar algumas onças. Ao

meio-dia acendi o fogão com carvão, cozinhei as sardinhas e coloquei-as num pedaço de papel açucarado. Quando vi Emilia passar, dei a ela. Ela olhou para eles com espanto e sorriu um pouco para me agradecer. Eu a vi sentada na porta de sempre, não batendo a cabeça contra a parede, mas levando os dedos finos à boca. Não comi naquele dia: tive que limpar as brasas restantes do fogão para não deixar que meus tios entendessem minhas iniciativas.

Ângela passou por essa estrada por volta do meio-dia com seu filho Nino, um deficiente que caminhava, mas falava com gestos. Eles foram com um balde buscar sopa no orfanato. Um dia Nino estava sozinho com seu balde, perto da minha casa dois meninos o despiram e fugiram. Ele não foi capaz de levantar as calças. Ele estava sem calcinha. Desci timidamente para o vestir. Foi a primeira vez que vi um homem nu. Ai se os tios soubessem, teria sido um escândalo.

Em uma das muitas cartas enviadas aos meus pais, expressei o desejo de um relógio de pulso. Sabendo que a senhora Agostina viera de Domodossola, fui visitá-la. Assim que ele me viu, ele me abraçou e me deu um pacote enviado por meus pais. Abri e para minha surpresa encontrei um pelo de cordeiro marrom com cachos do tamanho de um dedo, um chapéu de feltro e uma caixa com um relógio. Eu estava tremendo de alegria quando a senhora o ajustou em meu pulso. Ele me deu um copo d'água para me recuperar e correu para casa. No dia seguinte, quando meus tios vieram a Novara, disseram que se eu usasse aquele casaco de peles pensariam que eu era louco: ninguém na cidade tinha nada disso. No entanto, eu usava com orgulho. Puxei a manga para trás para que todos reparassem no relógio. Muitas vezes dei corda, então em pouco tempo quebrou. No caminho para Castrangia, encontrei alguns idosos que me

perguntaram as horas. Para não causar má impressão, olhei para o relógio agora irreparavelmente quebrado e disse que havia esquecido de dar corda. - Obrigado a si mesmo -. Eles me cumprimentaram e continuaram seu caminho.

Comparado aos meus amigos eu era pequeno e magro, todos eram "desenvolvidos". Em uma carta, minha mãe perguntou a zizì se eu era "desenvolvida" como minha irmã Rosa. Mas para Zizì falar dessas coisas era um tabu. Ele não sabia que eu sabia tudo sobre a vida. Rebelde como sempre, eu disse a ela "Não sou 'Miss' porque estou desnutrida". E ela: - O que você está dizendo? Nós sempre apoiamos você. Uma noite eu estava dormindo em Castrangia e me senti mal. Eu estava suando frio. Pensando que era o fim, rezei, chorei e saí no escuro para fazer xixi umas gotas. E eles: "Se você levantar de novo eu vou te bater!". Talvez a Madonna del Tindari tenha me protegido. Voltei para a cama de palha e adormeci. No dia seguinte, no laboratório de Novara, a signorina Assunta me viu mais pálida do que de costume. Quando a garçonete trouxe café com leite com torradas como faz todas as manhãs, ela também me ofereceu.

Capítulo oito - O voo das andorinhas



Passando muito tempo em Novara, a vida me pareceu ter mudado: talvez porque fui visitar o avô Turi e conversei alegremente com ele continuamente durante tardes inteiras. Ele me contou muitas histórias de sua vida e como sua existência tinha sido difícil. Além disso, morando em Novara, tive a oportunidade de testemunhar os eventos importantes que aconteciam na cidade. Acima de tudo as grandes cerimônias religiosas, as procissões, os batizados, as crismas, mas acima de tudo as cerimônias de casamento, emocionaram-me. Naquela época os casamentos eram celebrados à noite, quase sempre ia passear com meus amigos na igreja de San Nicola.

Uma noite, vi uma noiva de vestido branco sair acompanhada de seu pai. Branca como a neve, parecia uma boneca, de tão linda! Foi Carmelina quem se casou com Filippo. Identifiquei-me inteiramente e sonhei: "quem sabe um dia pode ser a minha vez também...".

Naqueles dias tive sensações estranhas, havia algo novo e estranho no ar, tive premonições. Eu estava inquieto e esperando que um evento extraordinário acontecesse. E, de fato, o evento não demorou a acontecer. Por volta do meio-dia, o carteiro costumava passar. Um dia do mês de junho ouço sua voz estridente: "Campo, tem correio". Peguei a carta, veio de... Domodossola! A mãe escreveu à irmã.

Abri-o abruptamente até quase rasgá-lo e li, lá estava a notícia que esperei uma vida inteira: por volta de 12 de setembro minha mãe viria à Sicília para me buscar e me levar para o norte! Já era uma mocinha, o futuro me esperava e eu precisava arrumar um emprego. Sabendo a reação que minha tia teria, por prudência escondi a carta no fundo de uma jarra que continha um mar de lixo: se zizì tivesse lido, pobre de mim ... Às vezes, tio Micherillo vinha à loja quando ele não estava trabalhando nas aldeias de Novara. Às vezes vinha com zizì e, alarmado, dizia: "Faz tempo que sua mãe não escreve, deve ter acontecido alguma coisa com ela...". Eu, por outro lado, temia que chegasse outra carta com algumas dicas. Um dia, de fato, chegou um, mas felizmente sem nenhuma alusão à viagem à Sicília. O verão se esvaiu lentamente para mim, mal podia esperar para que aquela espera espasmódica acabasse. O trabalho me ajudou a parar de pensar e passar o tempo que me separava da chegada da minha mãe. Para a festa da Assunção, no dia 15 de agosto, todos queriam mostrar sua elegância e no laboratório havia sempre muito o que fazer, mais do que o normal: muitas senhoras queriam exibir seu vestido novo. O dia 13 de agosto foi dedicado às trabalhadoras que podiam costurar suas próprias roupas.

Pedi a zizì para comprar as coisas para estar no mesmo nível dos amigos. Ela concordou e eu escolhi um tecido bege barato com desenhos de nós azuis. A jovem da oficina cortou para mim

e contratou um trabalhador idoso para me ajudar a costurar. No dia da festa eu estava de vestido novo como todo mundo.

Havia também alguns conhecidos que tinham vindo de Fantina. Um deles tinha visto minha famosa saia justa. Ele trouxe um pedaço de tecido e perguntou a zizì: "Sua sobrinha tem que fazer um vestido para mim, ela é tão boa!". Tirei as medidas dela. Eu tinha em mente um modelo que a Signorina Assunta havia feito para um cliente. Eu pedi algum tempo para cortá-lo e experimentá-lo. "Ok, o tecido é um pouco pesado, adequado para o outono. Voltarei em 20 de setembro."

Entretanto, Carmelina, uma rapariga da oficina, convidou todos os seus amigos para o seu casamento, celebrado numa noite de setembro na igreja da Matriz. Com a permissão de zizì, fui à cerimônia. Entre os convidados estava também uma senhora de Domodossola que anunciou a sua partida iminente: "Concettina, os teus dias estão contados em Novara. A tua mãe vem buscar-te em breve".

Depois dos ricos refrescos, voltei para casa feliz. Passaram-se os dias e chegou a festa de Tindari no dia 8 de setembro, naquele ano o longuíssimo percurso que serpenteava ao longo do fiumara não parecia nada tão árduo e infinito como da primeira vez, parecia que estava voando. De volta a Castrangia, informei a zizì que ficaria alguns dias com a desculpa inventada de que o laboratório permaneceria fechado até o dia 12. Naquela manhã, meu coração batia forte. Colhemos alguns figos para levar a um vizinho e seguimos para Novara. No meio do caminho, vi minha mãe de longe descendo pela trilha das mulas. Corri até ela e a abracei com toda a força que tinha em meus bracinhos. Zizì começou a gritar: "Por que você veio de repente? Você acha que pode levar Concettina com você?" "Sim - respondeu a mãe - partimos em três dias". "Não pode, ele tem

que preparar um vestido para uma senhora de Fantina." Era outra desculpa para me segurar. Ele gritava o tempo todo. Eu impassível estava tocando o céu com um dedo. Meu único arrependimento seria não poder mais visitar o avô Turi.

Na noite do dia 14, jantamos. Zizì só abriu a boca para insultar minha mãe: "Que coragem você a tira de mim, você não tem coração, você me faz sofrer demais, não te considero mais uma irmã." Vi Michelillo pela primeira vez com lágrimas. Sob sua casca áspera e dura como madeira evidentemente algumas gotas de humanidade permaneceram aprisionadas. Eu, por outro lado, fiquei frio como mármore e não me comovi.

Não consegui pregar o olho à noite, milhares de pensamentos se perseguiam caoticamente em minha mente e eu não via a hora de amanhecer para ir embora. A mãe havia pedido o táxi a um senhor apelidado de "cauzi i wolf". De madrugada nos levantamos, um toque final na mala de papelão e uma saudação aos tios. Minha tia ao sair saiu do quarto aos prantos, com os cabelos soltos, e se jogou aos pés de minha mãe, implorando: "Agora eu vou me matar e você terá a morte na consciência pelo resto da vida! Por favor, te peço de joelhos - disse ela - sou apenas uma pobre mulher, sozinha e tratada como uma fera por um falso marido, ninguém me ama, minha irmã, te peço que não a tire de mim, tenha piedade, você não tem o direito de me deixar em paz, ela cresceu conosco como uma flor e agora sem gratidão!"

Com os cabelos desgrenhados e o rosto pingando lama, ele bateu no chão amaldiçoando todo o universo. Minha mãe havia entendido que sua irmã havia se tornado perigosa e estava perdendo a cabeça, enlouquecendo. Porém, ela não se mexeu, não se deixou comover pela piedade, ficou surda aos seus delírios, olhou para longe e esperou o fim do seu drama. Quando

minha tia percebeu que minha mãe era inflexível, ela correu para o quarto, negando-nos um último adeus. De repente saímos, ela voltou xingando na rua, enquanto nos afastávamos a víamos encolher até virar uma bolinha preta que se misturava com as pedras. Talvez eu tenha sido cruel com ela, como só as crianças sabem ser, mas lembro que ao sair de sua casa protegido pela mão de minha mãe, quando vi que ela estava prestes a desaparecer de minha vista todo o meu ressentimento de repente transformou-se em afeto e senti por ela um sentimento de compaixão (mais tarde soube que Zizi me pranteou nas ruas por alguns meses como se eu estivesse morto).

Na praça Bertolami, as portas do táxi se abriram. Da janela cumprimentei todos que vi até o fim do país. Durante a viagem, com uma pontada no coração, observei a paisagem e a vila a afastarem-se lentamente do meu olhar, ficámos em silêncio durante muito tempo até que avistei o mar. A essa altura eu estava longe de Novara, definitivamente! Pensamentos opostos lutavam em minha mente e eu não conseguia controlá-los, então acordei quando minha mãe me acariciou e me avisou que havíamos chegado. Então amei intensamente aquele país que tanto tempo detestei por causa daquela vida triste que levava. Na estação de Vigliatore havia uma grande confusão, muitos como nós partiam para o norte com suas malas de papelão e outras sacolas.

Um vento fraco vinha do mar e eu sentia o salgado que me dava sabor nos lábios. Uma sensação boa que senti pela primeira vez. Esperamos o trem por meia hora. Para mim foi um novo ar. As pessoas cantavam a popular canção "Professor, diga-me o que veio primeiro, a galinha ou o ovo". Todos voltavam de férias no continente. Chegado a Messina, vi com espanto as carruagens subirem ao ferry-boat. Era meados de

setembro e milhares de andorinhas circulavam naquele céu muito azul sobre o estreito. Com sua fuga foram bordando meu sonho: finalmente voltar a morar com minha família. Procurei ver Deus no centro daquele fundo luminoso e, mesmo não o vendo, agradeci-lhe do fundo da minha pequena alma. Depois de inúmeras horas desembarcamos em Roma para pegar o trem de volta a Milão, depois de mais horas de espera, onde houve mais uma troca de trem para Domodossola. Foi um sonho. Naquele trem, minha mãe cumprimentou várias pessoas que ela conhecia. Todos perguntaram de onde ela era e quem era a garota que estava com ela. Eles não sabiam que ele tinha outra filha.

Observei as paisagens: vi com espanto o Lago Maggiore e as ilhas, depois as montanhas. Perguntei quanto tempo faltava para chegar, sabendo que a cidade ficava em um vale cercado por montanhas. Chegamos a Domodossola no final da manhã. O céu estava cinza, as ruas também pareciam pintadas de escuro, as pessoas caminhavam com passo determinado olhando para o chão, até as roupas eram escuras. Papai estava esperando por nós na estação com meu irmãozinho que eu tinha visto na Sicília dois anos antes. Beijos e abraços. No caminho para casa tentei descobrir aquele lugar que logo se tornaria minha cidade. contei as janelas das casas, mas eram tão numerosas que perdi a noção dos meus cálculos. Havia muitas janelas e muitas casas umas em cima das outras. Eram tão altos que meus olhos se perdiam no céu.

Eu me senti tonto. Milhares de perguntas surgiram em minha cabeça, ansiosamente indo e vindo. Durante a viagem, não consegui pronunciar uma única palavra. Depois, em casa, tive outra surpresa ao ver minhas irmãs, das quais me lembrava apenas por fotos. Outra surpresa foi a cozinha com pia, torneira

e fogão a gás (em Novara não havia água em casa e o cozimento era feito a lenha). À noite, a comare Grazia veio nos visitar com sua filha Caterina. Até os vizinhos queriam me conhecer. Na noite seguinte, papai me levou ao cinema. Uma das melhores noites da minha vida que sempre vou lembrar, até o último dia. Finalmente estava com meu pai, antes o amava como se ama um pai ausente, agora o admirava e finalmente pela primeira vez me sentia protegida como se fosse sua princesa. Resumindo, parecia-me que caminhava por cima das nuvens, tinha aterrado noutra ponta do universo.

Capítulo Nove - O Portão do Céu



Antes de deixar a Sicília, minha mãe conseguiu um emprego para mim no peleiro e depois de dois dias ela me acompanhou ao trabalho. Saímos de casa bem cedo: fiquei muito emocionado com essa notícia.

À entrada fui saudado pela Srta. Tilde que me deu um grande sorriso e me pegou pela mão, uma mulher simpática e simpática. Tilde me disse em milanês "Olá bela tusa (menina), venha, deixe-me apresentar-lhe as meninas que trabalham comigo: Nella e Teresina. Elas têm muita experiência, vão te ensinar a trabalhar. Se houver problemas - acrescentou - não tenham vergonha de perguntar". Então, em um piscar de olhos, eu estava de volta ao meu novo emprego.

Já me sentia crescida e para marcar esta mudança na vida da bela tusa pela primeira vez veio a menstruação. Ela não sabia muito sobre o assunto, mas pelas histórias que ouviu de suas amigas mais velhas em Novara, entendeu que esse era o caminho para se tornar uma mocinha. Ela entendeu que não

precisava daquele sinal para ser mulher: ela já era por tudo que aprendeu, conheceu e amou. Não era mais uma lagarta e havia sofrido a metamorfose em borboleta. Veio de muito longe e em poucos minutos passou de um mundo a outro. Ela se viu sozinha e tinha muito orgulho disso.

Enquanto isso, eu estava começando a me acostumar com o novo emprego. Naquela época, golas de pele eram usadas para aplicar em casacos. As peles foram molhadas com uma esponja e finalmente pregadas a uma prancha de madeira puxando-as por todos os lados. Isso me lembrou de quando no laboratório na Sicília eu esmaguei os chumbos para colocar na parte inferior das roupas. Mesmo aqui havia alguns martelos nos dedos. Se houvesse um pouco de sol, eles eram deixados para secar no jardim da estrada, então eu tinha que vigiar as preciosas peles de cordeiro persa, raposa, vison e musqué de rato. Enquanto cuidava deles, gostava de ver os carros e as pessoas passarem. Até inalei a fumaça dos escapamentos dos carros e tentei me impregnar daquele cheiro da cidade, tão novo e inebriante para a menininha que cresceu no ar puro. A cidade passou diante do meu olhar e até perdi a noção do tempo. Meu pai me explicou que lá o dia era dividido em horas, enquanto eu morava em Castrangia só conhecia o nascer e o pôr do sol. Às vezes, enquanto eu cuidava das peles, uma senhora idosa do andar de cima vinha me fazer companhia. Ele falava em piemontês estrito e eu não entendia nada: "Che bela fiola, da ndua ti vegnat (de onde você é)? Cuma ti se ciamat (qual é o seu nome)?" eu mudo. "Ti mi capisat mia (você não entende)?" Quando as peles secavam, a signorina Tilde cortava o formato das golas para as costureiras que as encomendavam.

Aos poucos fui aprendendo a colocar o recheio frisellina, o passafino em volta e depois o forro. Graças às minhas

habilidades, comecei a ganhar minha mesada semanal e logo estava em dia com as marcas da pensão. Eu me senti maior. Havia um rádio no laboratório: eu gostava de ouvir as músicas. Na época, as geladeiras não eram comuns, mas a jovem tinha uma geladeira que enchia com blocos de gelo fornecidos por um senhor que passava com um carrinho pelas ruas da cidade. Para mim, beber uma água tão fresca era uma novidade. Um fogão a lenha barato aquecia a casa. Ele não tinha telefone, mas quando precisava ligar para os clientes me mandava para a tia dele, que era dona de uma construtora com vários trabalhadores. Entre estes, por coincidência, vi pela primeira vez... Mas esta é outra história que, se tiver tempo e vontade, conto-vos mais tarde.

Em casa eu comia bem, à noite saíamos para visitar o centro da cidade com seus telhados de pedra e lojas com lindas vitrines. Aos sábados eu ia com minha mãe ao mercado, que ocupa boa parte do centro, quando saía do trabalho por volta do meio-dia. Compramos o tecido para fazer um casaco para mim. Foi quadrado. Eu o inaugurei enfeitando-o na Missa do Galo no Natal. Em suma, uma vida feliz.

Carnaval chegou. Participamos com uma família próxima da festa no teatro Galletti. Era um sonho ver bailes de máscaras em meio a jogos de luzes fosforescentes.

No sábado seguinte, quando me levantei, havia algo errado. Eu estava chorando porque minha mãe não tinha me dado a magnésia San Pellegrino. Um primo dele chegou de Martigny. Ele almoçou conosco. À tarde me senti estranho, parecia que minha felicidade estava acabando. Papai acompanhou o primo até o trem, depois jantamos.

Não saímos para passear naquela noite. Papai disse para mamãe: "Vou visitar amigos no bar." Por volta das 22 horas voltou para casa gemendo e ofegando com o rosto pálido,

petrificado por uma forte dor no peito. "Teresa, prepara-me um chá de camomila". Enquanto papai engasgava na cama, corri com uma tia para chamar um médico a 50 metros de distância. Ele veio imediatamente, mas nesse meio tempo meu pai havia parado de viver. Mais tarde soubemos que a aorta havia estourado. Não haveria nada para fazer de qualquer maneira, papai passou pelo portão do céu e voou para o céu. Era 17 de fevereiro de 1951. Passei a noite toda olhando para o corpo indefeso de meu pai. Minha cabeça girava, um misto de enxaqueca e vertigem que quase me tirou daquele quarto onde todos os objetos se tornavam odiosos porque presenciavam uma morte injusta. Nunca deixei de pensar no meu pai e no destino cruel que me esperava em Domodossola, as lágrimas já não podiam sair dos meus olhos porque tinham ficado secos de tanto chorar. Aquele Deus que eu havia imaginado ao partir na luz ofuscante do Estreito de Messina, onde se escondia? Por que ele nos abandonou? Por que ele me iluiu tanto? Por que agora que encontrei meu pai, ele foi tirado de mim para sempre? Qual era o objetivo dessa tragédia? Agora que Deus aqui em Domodossola parecia diferente, distante, indescritível, parecia feito de trevas, indescritível e impalpável, amargo, um Deus em quem já não sabia se voltava a confiar ou se o ignorava pelo resto dos meus dias. Noites e noites permaneci em silêncio, vigiando com os olhos tensos no escuro, quase esperando que com a chegada do dia tudo voltasse a ser como era antes. Naqueles dias agonizantes, com minha família à beira do precipício, percebi que o céu não era lugar para meninhas.

Uma dessas noites, nas primeiras horas da manhã, desmaiei e depois de um sono atormentado mergulhei em um doce sonho: encontrei-me no lago, então meu pai apareceu para mim com os olhos e o rosto imersos em uma luz celestial. Agora seu rosto

não sofria mais e estava lindo novamente. Ele sorriu suavemente para mim, pegou minha mão, me abraçou e começou a falar comigo. "Minha filha - disse - o que eu quero te dizer agora é o meu amor, tudo de bom que te quero. As circunstâncias fizeram com que não nos conhecêssemos. Lamento muito não ter te visto crescer..." .

Às vezes penso naquele sonho e na minha última viagem, penso em quando o Senhor vai me chamar, gosto de imaginar que ao cruzar a porta do céu meu pai está me esperando, vestido como naquela noite em que ele me levou para o cinema: com ele temos muitas coisas para contar, temos que continuar aquela conversa para sempre interrompida naquela noite fria de fevereiro. Seria a melhor maneira, penso eu, de começar minha última jornada.

A mãe ficou desesperada com quatro filhos e sem pensão porque o pai era um simples sapateiro. Todo o frio e toda a dor do mundo se abateu sobre a nossa pobre família de emigrantes.

Longe da nossa terra, longe da vida, éramos grãos de areia soprados pelo vento do deserto.

Minha mãe havia perdido a si mesma e toda a sua alma. Ela havia se tornado uma casca vazia. Seu corpo se contraía como um pedaço de madeira, ele ia perdendo peso e seu olhar desnorteado, num rosto pálido e inexpressivo, permanecia por minutos inteiros fixo em um ponto distante, na sepultura de papai. Ela havia se tornado como um fantasma possuído pela impossibilidade de esquecer. Eu podia sentir o momento em que ela cairia e afundaria na desesperança sem saída. Tentei sacudi-la, conversei com ela tentando animá-la. Incrivelmente, os papéis se inverteram completamente: era a filha que consolava a mãe, contando-lhe histórias para prepará-la para viver sem o marido e ajudá-la a esquecer. Eu, a filha mais velha, ainda não

tinha 15 anos.

Depois do jantar, voltei a trabalhar no peleteiro para juntar mais algumas liras. Era eu quem tentava manter viva a chama da esperança. Mas no final minha mãe, não sei como, talvez com a força do desespero, entre um choro e outro, ela pegou o mundo inteiro nas costas e aos poucos foi voltando a ser costureira, costurando umas saias e roupões .

Capítulo dez - A bela tusa



Em maio do mesmo ano meu irmãozinho pegou sarampo e eu também peguei, não tendo contraído quando criança. Enquanto eu estava na cama, ouvi minha mãe abrir a porta. Alguém havia tocado a campainha. Então ouvi a voz de zizì e Micherillo. Fiquei preocupada: antes nunca me tinham levado a Domodossola para ver os meus pais e agora tinham aparecido. Eles ficaram por cerca de uma semana, depois saíram um pouco desapontados, pois esperavam que eu voltasse para a Sicília com eles. Em novembro, chegou uma carta com borda preta. Mamãe estava alarmada, abrindo-a sua mão estava tremendo. Eu a vi chorar: zizì anunciou a morte do avô Turi. Eles o encontraram morto no campo de Bordonaro em 8 de novembro. Ele tinha 87 anos. No ano seguinte houve outra decepção ainda maior, quando por acaso as investigações levaram à causa da morte por asfixia com um lenço na garganta, encontrado durante a exumação. O crime havia sido cometido por uma mulher junto com seu irmão,

vizinhos no interior, para roubar a pensão de 11 mil libras. Mais tarde, eles cumpriram 24 anos de prisão por ela e 12 anos por competição.

Continuei triste. Com pouco dinheiro, 5 pessoas não conseguiam sobreviver. A senhorita Tilde recomendou uma dispensa falsa para que eu pudesse me registrar no escritório de empregos. Muitas vezes fui verificar se havia algum trabalho, mas as esperanças eram baixas. Em abril de 1953, soube que eles haviam contratado algumas garotas em uma fábrica. Eles não precisavam, seus pais já tinham ocupação. Então fui ao escritório protestar: eu precisava trabalhar mais que os outros. Em maio finalmente entrei em uma fábrica onde se produziam elásticos, cadarços, fitas, tubos para fios elétricos. Um trabalho duro com turnos semanais 6-13 e 13-21. Nos intervalos eu também ia ao peleteiro para juntar meu salário e dar um alívio para minha mãe.

Agosto chegou. Para as férias, comare Grazia teve que ir para a Sicília para visitar sua mãe idosa. Também decidi partir com minha filha Caterina. Saímos de trem para Milão e depois para Roma, onde chegamos à noite. Tivemos que esperar algumas horas pelo trem para a Sicília.



Na estação encontramos alguns aldeões, e entre eles um ator

anão de Novara, Salvatore Furnari, e um soldado cujo nome não me lembro. Enquanto a signora Grazia descansava em um banco, Caterina e eu fomos convidados para um passeio. Levaram-nos à Piazza Esedra para comer mottarello. Parecia começar a reviver.

Quando o trem já lotado chegou, a signora Grazia apressou-se a embarcar com duas sacolas grandes. O trem não parou completamente e ela caiu nos trilhos. Catarina, eu e toda a multidão clamamos ao Pai Eterno enquanto a retirávamos cheia de hematomas, mas milagrosamente viva. Ela se recusou a ser levada ao hospital. Depois de uma hora, o trem partiu. Antes do meio-dia chegamos à estação Terme Vigliatore onde pegamos o ônibus que levava a Novara Sicily, convidados de zizi e Micherillo.

Eles nos receberam como convidados de honra. A noite, nós três na cama grande, Caterina e eu não pregamos o olho. A Signora Grazia estava cheia de dor. Na mesma noite houve uma surpresa: alguns jovens fizeram uma serenata para nós com violão e violino, mas tio Micherillo, irritado, os fez fugir.

A mãe de Caterina passava a maior parte do tempo na cama. Ela só saiu duas vezes em dez dias para visitar sua mãe idosa. À tarde fui visitar meus colegas de escola e amigos do laboratório. Um dia também vi um colega de classe que veio me abraçar. Ele estava segurando uma bicicleta na mão e eu pedi para ele me levar para um passeio. Na época, em Novara, uma garota de bicicleta nunca havia sido vista. Assim que Zizi soube disso, ela me repreendeu: "Você virou uma coruja, eu nunca teria imaginado essas coisas."

De volta a Domodossola, a signora Grazia estava tendo dificuldades para se recuperar. Depois dessa queda, as dores da artrose tomaram conta. Ela só ganhou coragem quando foi com

a família para alguma festa, onde eu também fui convidada.

Voltei a trabalhar em fábrica e peleiro, mas precisava de novas experiências. Um dia, enquanto visitava a paróquia de San Gervasio e Protasio, padre Giuseppe Benetti se aproximou de mim para me fazer algumas perguntas. Eu confidenciei todas as minhas tristezas a ele. Ele me encorajou e me disse: "Domingo à tarde venha ao oratório. Lá você encontrará a presidente da Ação Católica, Dona Germana, que irá apresentá-la às meninas e dar-lhe muitos bons conselhos". Imediatamente me senti à vontade: com um pouco de timidez comecei a fazer amigos. Tive medo de não conseguir falar mas com a ajuda de Deus superei as primeiras dificuldades. Gostei de ler o jornal da associação admirando a fundadora Armida Barelli: graças a ela minha vida melhorou. Quando o turno da fábrica permitia, ia à missa matinal das 7, onde me encontrava com o padre Benetti, que considerava meu diretor espiritual. No domingo, eu me ofereci para passar uma hora na boa mesa de imprensa em frente à igreja. Mais tarde, eles me convidaram para fazer parte do conselho da ACLI. Com todos esses compromissos, me senti importante e realizado.

Os colegas de fábrica me julgaram fanático, mas não me senti incomodado, pelo contrário, rezei por eles e liguei de volta quando, antes de iniciar o plantão, falaram vulgaridades no vestiário.

Capítulo Onze - Rosto de Porcelana



Num domingo de verão, o presidente da Azione Cattolica Germana organizou uma viagem às montanhas. Com o pouco dinheiro que me restava, consegui pagar a passagem. Chegamos de ônibus até Goglio, depois de teleférico até Alpe Devero e depois a pé até Crampiolo. Contemplei a beleza das montanhas cobertas de flores: rododendros, ranúnculos, orquídeas silvestres. Mirtilos para se deliciar. Cabanas com telhados de pedra e janelas de madeira com gerânios vermelhos e rosas pendurados nos parapeitos. Perguntei a Germana onde terminava a estrada. "Quando estivermos cansados paramos para almoçar". Por volta das 13h paramos para beber a água límpida que desce de uma rocha em direção ao vale. Depois de comer, orar e cantar, voltamos a pé. Eu tremia de alegria: nunca havia passado um dia tão bonito. Em casa contei tudo para minha mãe e vi seu sorriso.

De vez em quando recebia correspondência de um amigo de Novara Sicília: ele me pedia que lhe arranjasse um emprego em Domodossola para que pudéssemos nos encontrar. Eu estava muito confuso, mas feliz por alguém estar apaixonado por mim. Também tinha um rapaz de Domodossola, mas eu não gostava dele: de manhã bebia um gole de grappa e tinha as faces

sempre vermelhas.

As meditações matinais indicavam-me o caminho para o convento, mas ao mesmo tempo gostava de crianças e da ideia de constituir família. Eu me entregava à vontade de Deus, passava as tardes de domingo no oratório planejando com meus amigos as tarefas semanais do Catecismo. Em alguns domingos íamos aos oratórios das cidades vizinhas. A viagem de ônibus me incomodou, mas a coragem superou algumas pequenas dores.

No dia 1º de maio de 1954, a ACLI e o oratório organizaram uma viagem: uma peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Oropa pela manhã e um comício do pároco em Biella à tarde. Fui um dos primeiros a me inscrever com uma amiga minha e seu namorado Pierino. 2 ônibus cheios de jovens saíram. Entre eles estava um tímido garoto loiro que eu tinha visto em algum lugar antes. Era mesmo ele: o operário da construtora onde eu telefonava para os clientes do peleteiro. Pierino me apresentou: era primo dele. Durante o dia ele nunca me deixou com os olhos. Quando cheguei em casa, contei para minha mãe. Na noite seguinte, eu o vi sob a varanda do quarto localizado no primeiro andar. "Mamãe, mamãe, vem ver: ali está o menino que conheci em Biella". E ela com um meio sorriso: "É evidente que ela está cortejando você." Na noite seguinte, saindo com um vizinho, encontrei-o na minha frente. Timidamente, ele perguntou se poderia vir conosco. Um pouco hesitante, aceitei. Quebramos o gelo conversando sobre isso e aquilo. Depois do turno da tarde na fábrica, ele me levava para casa. Uma noite, levei-o para apresentá-lo à mãe, que o recebeu muito bem. Nas horas vagas frequentava o oratório. Naquela época meninos e meninas eram separados, só no final da reunião eles podiam se encontrar. Também participamos das reuniões da ACLI.

Embora minha mãe viesse da Sicília, onde dois meninos que se amavam não podiam sair sozinhos, ela confiou em nós e iniciamos uma viagem serena. Giuse me contou que conheceu meu pai: para juntar algum dinheiro, sendo 4 filhos e só o pai que trabalhava, quando criança fazia uns recados para os financiadores do quartel a poucos passos de sua casa. Às vezes, ela levava os sapatos para meu pai consertar. Eu escutei com prazer.

Ele me disse outra coisa: quando eu estava passando por Roma no dia 16 de setembro de 1950 para chegar a Domodossola nos encontramos virtualmente. Giuse, como ainda o chamo, chegara de bicicleta para o ano santo. Uma viagem aventureira: saíra de Domodossola na companhia de um padre do vale que pedalava velozmente com botas de montanha. Era quase impossível segui-lo. Só parou quando viu uma horta para pegar uma salada. No meio do caminho, Giuse foi deixado sozinho. No caminho encontrou um mascate com uma velha bicicleta cheia de tralhas para vender. Eles fizeram companhia até Roma.

Agosto chegou. A fábrica estava fechando para férias e eu decidi ir ver minha irmã Rosa que estava nas colinas do lago Mergozzo para uma convalescença. Pedi às freiras que administravam a casa que me parassem por alguns dias. Eu tinha acabado de mencionar essa ideia para Giuse. Havia outras garotas na casa de férias. Entre elas a esteticista sobrinha de uma freira. Na manhã do dia 15, festa da Assunção, ele nos chamou ao seu quarto depois da missa para praticar. Ela encheu nossos rostos com vários cremes, rímel e batons: parecíamos estátuas de cera. Na hora do almoço, a tia freira ligou para a sobrinha: não é que ela nos tratava assim.

À tarde, olhando o lago da janela, vi Giuse aparecer. Não

queria ser vista com aquela cara de porcelana. Vendo-me à porta, quase não me reconheceu. Pedi desculpas explicando que tinha sido um experimento e que as outras meninas também haviam se transformado. À tarde passeamos no jardim da casa. Ao anoitecer despediu-se de mim: "Até breve, em Domodossola, mas com a cara limpa e fresca como antes".

Capítulo Doze - Violetas



Terminadas as duas semanas de férias, retomei o trabalho na fábrica no turno das 13h às 21h. Enquanto enfiava as bobinas nos fusos das máquinas, pensei em Giuse, mas ao mesmo tempo não realmente quero vê-lo. Às 21 horas a sirene soou e meu coração começou a bater forte. Depois de carimbar a pasta, ao sair do portão, vi uma bicicleta na penumbra. Era mesmo ele: veio até mim, olhou-me timidamente na cara e disse: "Gosto de ti tão simples". Ele me fez sentar no cano da bicicleta e me levou para casa. Trocamos um simples cumprimento de boa noite. Isso acontecia quase todos os dias. No domingo à tarde fizemos alguns passeios de bicicleta nas aldeias vizinhas. Um dia ele me levou à sua casa para me apresentar a seu pai e sua mãe, duas irmãs e um irmão. Aos poucos ela também me apresentou aos tios e primos como amiga.

Quando minha mãe nos viu da varanda, ela nos fez subir para a casa. Enquanto ela adorava aquele menino, eu estava muito indeciso. No dia 8 de dezembro, dia da Imaculada Conceição, dia do meu nome, o sino tocou. Era a florista, que me entregou um buquê de cravos vermelhos. "Mãe, Giuse me mandou saudações!". Que decepção ao abrir o cartão: não era ele, mas

um menino de 14 anos encontrado por acaso. Dizia "eu te amo" com uma assinatura. Talvez ele pensasse que eu tinha a idade dele.

Na véspera de Natal, Giuse apareceu com um grande vaso colorido cheio de chocolates e um cartão de felicitações. Agradei e fomos juntos à missa da meia-noite. Ao voltar para casa ele me disse: "Amanhã tenho que ir com a família almoçar com parentes. Nos vemos novamente em Santo Stefano". Na manhã do dia 26 falei para minha mãe "não vou mais sair com aquele menino, vou devolver o vaso para ele, não quero compromisso". E ela com um olhar severo: "Você é maluco, podia ter feito isso se eu não tivesse comido os chocolates".

Nos dias seguintes Giuse veio como de costume me buscar no trabalho. No trecho da estrada a pé ou no cano da bicicleta eu quase não falava com ele. No dia de ano novo de 1955, fui à missa. Ele também estava lá e finalmente me levou para casa. Na porta ele me disse: "Podemos saber o que você tem em mente para me fazer sofrer assim?", e uma lágrima escapou dele. Aquela gota transbordou do vaso e eu dei um sorriso para ele. Ele me deu um beijo e disse: "Esta tarde eu vou buscá-lo para ir às vésperas no Monte Calvário. Após as vésperas, um filme será exibido no clube ACLI". Aceitei e nos despedimos. Denunciei em casa e minha mãe disse alegremente: "Você nunca mais vai encontrar um menino bonzinho assim".

Às 14h partimos para o Calvário pelo caminho das mulas com as capelas da Via Sacra. Uma vez no Santuário cantamos as vésperas e depois da benção fomos para o clube. Não me lembro o título do filme, mas era muito chato, então propus que voltássemos à cidade para o cinema Catena, onde pudemos assistir a um filme melhor, chamado "Violette".

Em abril, percorrendo o vale de Vigizzo e o Centovalli no

trenzinho, fomos com seus pais ao festival das flores alegóricas em Locarno. Conhecemos o padrinho da Giuse, que me apresentou como "namorada". Ele colocou as mãos nos bolsos e tirou 10 francos suíços da carteira, deu a Giuse e disse "Bom, quando você vai se casar?". Nos olhamos, nunca havíamos conversado sobre isso.

Nos dias seguintes começamos a cultivar a ideia do casamento. Também conversamos sobre isso em casa. Mamãe se alegrou, mas ao mesmo tempo havia poucas possibilidades financeiras. Pouco a pouco, compramos lençóis e roupas de cama. Não tínhamos nenhuma necessidade especial. Fomos à procura de um apartamento pequeno e modesto. Nós o encontramos no antigo bairro de Motta e, portanto, marcamos o dia do casamento: segunda-feira, 19 de setembro. Fui com minha mãe à loja de tecidos Panzarasa comprar a renda do vestido de noiva e levei para a dona Tilde, a peleteira, que sempre me prometeu que faria com amor.

Na prefeitura para proclamas de casamento, minha mãe teve que assinar porque eu ainda era menor de idade. Até os pais de Giuse ficaram felizes. Na paróquia, Monsenhor Pellanda nos disse belas palavras de encorajamento: "Mantenham-se sempre modestos com tanta fé para enfrentar as alegrias e tristezas que a vida nos reserva. Vou deixar que encontrem o corredor vermelho ao longo da nave".

Tivemos que preparar a lista de parentes e amigos para entregar as lembrancinhas de casamento como de costume. Muito poucos convidados. A mãe de Giuse disse "Dois por família". Aos poucos chegamos a 35 pessoas. Testemunhas escolhidas: tio Carmelo di Giuse e por mim Pierino, o arquiteto do nosso encontro. Uma semana antes do casamento, o oratório masculino dirigido por Don Giuseppe Briacca preparou uma festa

para nós. Mestre Furiga pintou um quadro de saudações na lousa e fez um pergaminho com a lista de amigos. Havia também uma mesa coberta com pastéis e refrigerantes. Nunca houve uma festa como aquela no oratório. A colegiada dos santos Gervásio e Protásio estava sendo reformada e o pavimento estava cheio de entulho e pedras, mas algumas mulheres dispostas fizeram o possível para limpá-lo em homenagem a Giuseppe e Concetta.

No dia 16 de setembro chegaram Zizi e Micherillo, emocionados porque Concettina ia se casar e ele teve que acompanhá-la ao altar no lugar de seu pai que não estava mais lá.

Nesse ínterim chegaram alguns presentinhos: uma cafeteira, um moedor de café, copinhos de licor, conjuntos de pires e talheres dos parentes e amigos que receberam a graça, um conjunto de utensílios de cozinha de Pierino e seus tios. A Ação Católica Feminina nos presenteou com uma foto de cabeceira com a Sagrada Família, o assistente Don Benetti um maravilhoso vaso verde para flores com enfeites de prata.

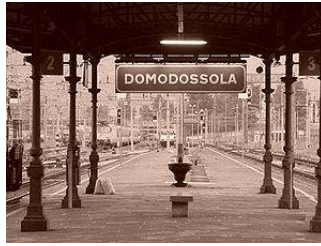
A noite antes da véspera de Natal foi longa. Pensei na mamãe que ficou com três filhos ainda pequenos e com poucos recursos. "Você tem pouca fé, a escola do oratório não te ensinou que sempre há Providência na vida?", dizia a mim mesmo. Na segunda-feira, dia 19, levantei-me às sete. A Signora Tilde chegou com o vestido de renda. Ela me vestiu e ajustou o véu que comprei em Milão. Às 9 horas chegou o táxi para me levar à igreja. Fiquei confuso, encontrei um mar de gente me observando. Giuse já estava no altar me esperando com um buquê de flores de laranjeira, acompanhada de sua irmã Rosa porque mamãe Olímpia teria se emocionado demais com o casamento de seu primeiro filho. Juntei-me a ele acompanhado

pelo tio Micherillo no tapete vermelho.

A missa começou. Monsenhor Pellanda também estava emocionado. Recordo uma homilia encorajadora, a bênção das alianças, a promessa de fidelidade para toda a vida e, no final da cerimónia, as assinaturas. Ao sair, a mãe de Pierino, que naquele momento também se tornou minha tia, colocou no meu peito a insígnia das mulheres da Azione Cattolica.



Capítulo treze - Nova vida



Após a celebração na igreja, seguiram-se os refrescos no bar Grandazzi, na via Castellazzo. Entre um beijo e outro tivemos um aperitivo para os convidados com algumas pizzas e pastéis. Uma saudação e um beijo especial aos sogros Olímpia e Armando que tinham ido com a mamãe buscar a mala, depois correram até a estação para pegar o trem das 12h15 para a lua de mel.

Mamãe estava chorando amargamente. Entramos no compartimento. O chefe da estação anunciou a partida com seu apito enquanto Giuse e eu nos debruçávamos na janela para uma última despedida. A aventura da nossa vida começou.

Uma vez em Florença, caminhamos em direção ao hotel indicado pela Signora Tilde, a peleteira. Na grande entrada, fomos recebidos por um pouco de música, então o mordomo nos conduziu ao quarto no terceiro andar. Para nós tudo era novo, até dormir em cama de casal.

No primeiro dia visitamos a cidade, no segundo fomos à Piazzale Michelangelo, onde você pode admirar toda Florença. Tiramos algumas fotos: a câmera de Giuse com um rolo de filme podia tirar oito fotos em preto e branco.

No terceiro dia partida para Roma. O hotel era mais modesto porque o dinheiro separado com sacrifícios tinha que ser

suficiente. Paramos por alguns dias para visitar as quatro basílicas que Giuse tinha visto no ano sagrado e a fonte de Trevi. Também voltamos à fonte Esedra, aquela da famosa noite de 1953 em que a senhora Grazia caiu sob o trem.

Chegou a hora de partir para a Sicília. Depois de uma longa viagem, o trem chegou à Calábria e, finalmente, de Villa San Giovanni pudemos ver a Sicília. Giuse saboreou esses momentos: o trem sendo carregado no ferry-boat, a Madonnina no topo na entrada do porto de Messina.

Na estação, o tio Carmelo, irmão de mamãe, nos esperava com sua esposa Gaetana e as filhas Rosetta e Antonietta.

Eles nos receberam como dois príncipes. Paramos dois dias visitando Messina: o relógio da catedral que eu tinha visto quando criança, a Madonna di Montalto e outras praças muito bonitas.

Naquela casa só havia um defeito: à hora do jantar, os tios e primos vestiam-se a rigor e em vez de se sentarem à mesa diziam: "Vamos passear à beira-mar". Giuse e eu, resignados, saímos com fome. Por volta das 23h fomos para casa e minha tia começou a cozinhar. Uma noite pôs os caramujos com as cascas no molho, mas o que importa é o afeto, não os hábitos.

No terceiro dia, eles nos acompanharam até o trem com algumas lágrimas. Tio Micherillo estava na estação Terme Vigliatore com o taxista para chegar a Novara. Zizi, zia Maricchia e zia Peppina nos esperavam na aldeia. Realmente parecia que os príncipes de Domodossola estavam chegando.

No dia seguinte fomos a Badiavecchia visitar nossa avó paterna Concetta e os tios, irmãs e irmãos de nosso pai. Na pracinha onde ficava a tabacaria de minha avó, muitos moradores do lugarejo que me conheceram quando criança se reuniam e gritavam para outras pessoas: "A Concettina chegou com o

marido!"

Beijos, abraços, rostos corados. Parecia um sonho para mim. Fazia exatos cinco anos que eu deixara o país.

Dois dias depois, o taxista "Cauzi i Lupu" nos levou a Taormina. Ao meio-dia ele nos levou ao restaurante, onde fomos servidos com luvas brancas. Giuse e eu nos olhamos para dizer: "Será que o dinheiro chega para nós?". Tendo visitado Taormina e depois Castelmola sob um aguaceiro, ao anoitecer voltamos a Novara, cansados mas satisfeitos.

No dia seguinte já era tempo de regressar a Domodossola. Os compromissos da nova vida nos esperavam.



Capítulo quatorze - Nossos primeiros ninhos

Embora já tivesse embarcado na viagem para Domodossola em 50 e 53, foi como se tivesse partido pela primeira vez: ia rumo a uma nova vida a dois.

Depois de embarcar no trem no ferry-boat, subimos ao terraço para ver a Madonnina do porto e a Sicília se afastando lentamente.

Com uma lágrima voltamos para a carruagem, sentados nos bancos de madeira. Não havia beliches então.

Quando chegou a noite, começamos a cochilar com o pescoço pendurado. Às vezes nos levantamos para olhar pela janela. Em estações importantes, o chefe da estação anunciava em voz alta o nome da cidade. Em Nápoles nas calçadas havia "Guuglioni" vendendo pizzas. Inteligentemente, eles primeiro pediram aos viajantes que lhes dessem o dinheiro, depois o trem partiu novamente e eles ficaram com dinheiro e pizza.

Lentamente nos aproximamos de Milão. No comboio para Domodossola, experimentei a emoção que experimentei pela primeira vez 5 anos antes: o Lago Maggiore, a serra de Ossola, os telhados de pedra. Desta vez junto com meu marido Giuse. Por volta do meio-dia chegamos ao nosso destino.

A mãe e o pai de Giuse Armando estavam à nossa espera. Era uma festa: se pudessem, teriam feito os sinos tocarem.

Almoço rápido com mamãe Olimpia e depois descanso em nosso novo ninho no bairro de Motta. No dia seguinte retomei meu trabalho na fábrica e Giuse voltou ao canteiro de obras.

Meus pensamentos foram para mamãe por minha falta de apoio, mas meu diretor espiritual, Don Benetti, me encorajou a orar, garantindo-me que muitas pessoas a amavam. Às vezes Giuse e eu almoçávamos na casa dela, e ela gostava. Entretanto

uma das minhas irmãs arranhou emprego contribuindo com um novo sustento para a família.

Pouco tempo depois anunciamos para mamãe, mamãe Olimpia e papai Armando que eles seriam avós em julho.

Eu estava começando a sentir enjoos de gravidez, mas o dever de trabalho chamou. Então os trabalhadores não estavam protegidos como agora. Giuse conseguiu um emprego melhor do que no canteiro de obras ao ar livre: uma pequena fábrica de artigos de madeira, como tampões para barris, ferramentas para desenrolar novelos de lã e até "paungi" (piões de madeira). No quinto mês iniciamos a peregrinação pelas lojas em busca do carrinho para o futuro recém-nascido. A largura sempre foi maior que a porta de entrada e tivemos que decidir mudar de casa.

Naquela época não tinha agências, íamos perguntar aqui e ali. A Providência nos deixou encontrar um apartamento no segundo andar de uma casa na via Scapaccino, bem ao lado da oficina do peleiro.

Em pouco tempo organizamos a mudança. Não estávamos mais no centro da cidade, mas também não muito longe, mais perto do meu local de trabalho.

O aluguel mensal era de 8.000 liras, muito para o nosso magro salário, mas o apartamento era acolhedor e claro. No pátio também poderíamos ter alguns metros quadrados de terreno onde cultivar ervas aromáticas e flores, minha paixão.

Recebemos as chaves limpamos os quartos e enfeitamos as janelas com lindas cortinas com sanefas e cortinas de renda na cozinha. Após a mudança, a vida seguiu normalmente. Minha barriga ficou cada vez mais evidente. Um dia uma colega me perguntou quando eu estaria em casa para a licença maternidade e me aconselhou a ir ao ginecologista. Então marquei a consulta em particular. O médico quase me deu uma

bronca por esperar demais: "Você não pode trabalhar depois do sexto mês e já está no sétimo mês: você arriscou". No dia seguinte entreguei o documento no cartório e até o funcionário disse que eu era ingênuo.

Enquanto isso eu preparava o enxoval tricotando blusas, camisas, sapatos e fraldas feitas com lençóis velhos que minha mãe me deu.

Também fomos comprar o carrinho de bebê, que preparei com lençóis bordados por mim em cores neutras, sem saber se era menino ou menina. Finalmente, na noite de 2 de julho, a bolsa estourou e com a mala já feita partimos a pé para o hospital. O ginecologista que me examinou disse a Giuse que ele poderia ir para casa. O trabalho de parto tinha acabado de começar e durou cerca de 20 horas. No dia seguinte ela voltou para a maternidade enquanto eu ainda esperava na sala de parto.

A certa altura nasceu um menino e a enfermeira foi avisar o pai do bebê, que quase passou mal de emoção. Depois de uma hora, ele pôde abraçar nosso primeiro filho, chamado Armando em homenagem ao avô. Depois de algumas horas, avós, tios e primos também foram informados. Parecia que era o primeiro bebê em todo o mundo.



Capítulo Quinze - Agradecemos a Deus...

Poucas horas após o nascimento, as enfermeiras da maternidade trouxeram esta criatura de carne e osso para minha cama. Eles prenderam no meu peito. Além da boneca de pano que Zizi fez para mim quando criança.

A internação foi então de uma semana. Antes de voltar para casa, as pessoas iam à igreja do hospital para "purificação", uma bênção do padre.

Na enfermaria, tudo estava pronto para ir para casa, mas eu estava começando a sentir tonturas. A parteira testou minha temperatura: 39. Minha boneca e eu tivemos que parar por mais dois dias. Finalmente, quinta-feira, 12, quase curados, fomos para casa. No domingo, dia 15, Armando foi levado no novo carrinho à pia batismal com seu pai Giuseppe, sua amiga Mariuccia madrinha e padrinho Basilio, amigo do oratório. Não tive a alegria de assistir ao evento porque os mais velhos aconselharam supersticiosamente a ficar em casa. Contentei-me em preparar um pequeno refresco.

A vida como um trio era diferente, mas eu estava indo muito bem. Eu tinha muito leite, o bebê estava crescendo e toda semana eu levava ele na creche para fazer um check-up.

Ao final dos dois meses, infelizmente retomei o trabalho na fábrica. Não havia jardins de infância na época. As avós concordaram em cuidar dele por uma semana cada.

Quando eu trabalhava no turno das seis antes de ir trabalhar, Giuse embrulhava e levava para o destino. Inconscientemente essa criança sofreu e eu chorei com ela.

Infelizmente não pude largar meu emprego. Lentamente, com fé, continuamos o trio: as primeiras refeições, os primeiros passos foram coisas maravilhosas. No primeiro dia do jardim de

infância, Giuse finalmente encontrou um emprego melhor remunerado. Por alguns anos foi zelador na escola primária, depois foi chamado à Prefeitura para ocupar o cargo de mensageiro conciliador.

Assim foi criada uma janela para deixar meu emprego na fábrica e me dedicar ao filho enquanto esperava para lhe dar um irmãozinho. Em 17 de agosto de 1962, ficamos felizes com o nascimento de nosso segundo filho. Luciano tinha pele clara e cabelos loiros, o oposto de Armando. Um conto de fadas. No domingo, 26, ele foi batizado com seu pai Giuse, sua prima Mariuccia e o irmão do padrinho Giuse, Antonio. Mais uma vez tive que ficar em casa. Após a licença maternidade, larguei meu emprego para me dedicar a dois filhos lindos.

Em 1º de outubro de 1962, Armando com um avental azul e uma mochila no ombro começou a primeira série. Nós o confiamos com algumas lágrimas ao professor Leopardi.

No mesmo período o Presidente da Câmara de Domodossola convocou Giuse propondo-lhe alojamento no segundo andar dos Paços do Concelho, que permanecia vago quando o mensageiro municipal se aposentou. Em poucos dias organizamos a mudança. No centro tínhamos todo o conforto. À noite, fechamos a grande porta, éramos os governantes da cidade. Pudemos assistir confortavelmente às manifestações da sacada do gabinete do prefeito. Das nossas janelas pudemos ver parte do mercado com uma tradição centenária.

Enquanto isso, Luciano dava os primeiros passos: havia se tornado o mascote dos funcionários da Prefeitura.

Para complementar o salário de Giuse, quis inventar um emprego. Comecei a vestir janelas, camas e almofadas para amigos. A notícia se espalhou e assim me tornei a "senhora das tendas". Giuse nas horas vagas aprendeu a preparar a

montagem dos varões das cortinas e graças a Deus pudemos ter uma vida mais confortável.

Em 1º de outubro de 1968, Luciano também começou a estudar com a professora Luisa Cerri.

O tempo passou rápido. No verão, saímos de férias pela Itália com a barraca de camping. Às vezes até a Sicília para minha cidade natal.

Em julho de 1973 estávamos acampando em Val d'Aosta e comecei a ter os primeiros sintomas de gravidez. No dia 16 de fevereiro de 1974, chegou a irmãzinha Daniela para Armando, de quase dezoito anos, e Luciano, de doze. Era carnaval e as pessoas que olhavam a fita rosa na porta da Prefeitura achavam que era brincadeira. O pároco aconselhou-nos a celebrar o batismo na noite de Páscoa, madrinha da nossa amiga Gianna e padrinho do adquirido tio Benito.

Esqueça as superstições, dessa vez eu também participei do evento na noite de 13 de abril. No dia seguinte, no oratório, havia cem convidados para um lanche.

A Daniela também cresceu e agora estamos velhos. Nossos três filhos nos deram 7 netos: Stefano, Virginia, Greta, Lorenzo, Rebecca, Letizia e Matteo.

A história está terminando. Em 19 de setembro de 2015, Giuse e eu comemoramos 60 anos juntos.

Agradecemos a Deus, Nossa Senhora e a todos aqueles que nos amaram.



Mazza Concetta Maglio, nasceu em Novara di Sicilia em 18 de abril de 1936.

Índice

1. A casa paterna	7
2. Fora deste mundo	15
3. Brinque na areia	26
4. Óleo, teias de aranha e mau-olhado	36
5. As corujas	43
6. Vossia me perdoe (Starlight)	49
7. Emily	56
8. O voo das andorinhas	61
9. A porta para o céu	68
10. A bela tusa	74
11. Rosto de porcelana	78
12. Violetas	82
13. Nova vida	87
14. Nossos primeiros ninhos	90
15. Graças a Deus...	93

